

letterboxd: lugar da nova crítica de cinema

Fernanda Real
2025

letterboxd: lugar da nova crítica de cinema

Fernanda Real

ficha técnica

Fernanda Real

letterboxd: lugar da nova crítica de cinema

escrita

Fernanda Real

artes e diagramação

Tie Ito

orientação

Rodrigo Pelegrini Ratier

1 ed. 79 p. 14x21 cm.

lugar de publicação

São Paulo, SP

ano de publicação

2025

agradecimentos

este livro foi idealizado com amor ao cinema e possibilitado pelas pessoas que me incentivaram no processo. são elas: meus pais, que estiveram presentes todos os dias da minha vida e tornaram possível minha graduação. Rodrigo Ratier, meu professor e orientador. Tie, que me apresentou “Suspiria” e se dedicou às artes do livro. Mariana, Rogério e minha irmã Beatriz, meus companheiros de cinema e reviews no Letterboxd. obrigada.

09 a crítica de cinema

15 rede social para amantes de filme

18 entre-telas

23 letterboxd journal

31 jornalismo e letterboxd

35 nova imprensa cinematográfica

41 perfil crítico

41 Cinema com Crítica —
Marcio Sallem

49 Feito por Elas —
Isabel Wittmann

57 lugares da crítica

57 Cine Set

67 Adorocinema

70 Mais do site

72 novas eras e o aplicativo

77 próximas páginas

a crítica de cinema

O exercício da crítica se faz presente entre os objetivos subjetivos no jornalismo e é geminado com o pensamento crítico, bem antes do que a própria origem da imprensa. No formato, o cuidado com as palavras não se limita à mensagem literal a ser transmitida, e sim na busca por descrever e traduzir sensações vividas no contato com a arte. Seu início é atribuído à Antiguidade, com Sócrates e Platão desenvolvendo o pensamento crítico com as reflexões socráticas a partir da ética, racional e imparcial, que passaram a moldar o olhar sobre peças artísticas a partir de um juízo de valor, seja pela estima ou pela relevância que o objeto teria perante à sociedade.

Nesse período, os escritos de arte se pautavam em peculiaridades da vida do artista e em guias para o desenvolvimento de técnicas que abrangiam a escultura, a pintura e a arquitetura. O conteúdo pensado para as artes clássicas foi muito possível com a instituição da ideia do estético, gerada com a discussão criada por Platão e Aristóteles sobre o exercício da arte. A estética possibilita a análise racional do que é belo, que, por sua vez, só é distinguido a partir das sensações que causam em nossos sentidos. Beleza, equilíbrio, harmonia, revolta são adjetivos que fazem parte de uma análise subjetiva a partir das sensações experienciadas. A arte é capaz disso, e a crítica tem o poder de traduzir em palavras.

Um pouco mais à frente, remontamos a história do capitalismo. Uma vez que era preciso estimar um objeto artístico, possível com o desenvolvimento da ideia de um senso crítico, burgueses adotavam para si a opinião de um curador de arte, que utilizavam de critérios analíticos e subjetivos para qualificar manifestações artísticas (sempre voltadas para as ditas “clássicas”: pintura, escultura, arquitetura, música e literatura).

Cultuada pela sociedade e pouco acessível à época, o papel do crítico também abrangia a de “criador de tendências”, ao moldar a opinião a partir de suas resenhas. Palácios e espaços eram projetados e ornamentados a partir de enciclopédias que continham as diretrizes teóricas, que chegam com a possibilidade de análises dos materiais

a serem utilizados, as interpretações científicas da natureza ancoradas no desenvolvimento da matemática e geometria. Cientificamente, a arte possuía a necessidade da crítica para poder ser refutada, e melhorada a partir disso.

Mas foi só no século 18 que o modelo em texto nas características que consumimos atualmente foi consolidado. Denis Diderot (1713-1784) foi um dos primeiros a assinar textos similares ao gênero como conhecemos nos dias de hoje. Se antes existia um direcionamento para a produção sobre a história da arte, foi com as publicações do autor-filósofo que as peças ganharam discussão mais aprofundada e tiveram a possibilidade de florescer com a chegada de novas correntes filosóficas do setecentismo. Habitado a escrever enciclopédias de arte e filosofia, que tinham como característica a ponderação sobre o que já havia sido produzido no mundo da arte, além do cuidado com a memória de expressões passadas no papel de historiador.

Até hoje pode ser complexo distinguir o campo de atuação desses dois profissionais, já que a crítica existe na capacidade analítica do seu próprio tempo, acompanhando as produções que vão moldar o seu período. Já a construção do pensamento do historiador de arte se dá com o olhar analítico para o passado, com a intenção de documentar o que já foi feito. Em “Ensaio sobre a pintura” (1766), o autor, ao invés de documentar, se comprometeu com as produções que reconhecessem o caráter de valor por traz das obras de arte, levantando argumentos para debater o que seria uma bela peça ou não. Assim, fica evidente a convergência entre a história e a crítica e o início na história do cinema.

É por isso que a crítica cinematográfica adota um posicionamento diferente no início da sétima arte. Se antes era restrita a expressões clássicas, a escrita foi utilizada pela vanguarda para a promoção do visual e, posteriormente, ao audiovisual. A história se inicia com a exibição dos frames de “La Sortie de l’usine Lumière à Lyon” (Empregados deixando a fábrica Lumière, 1895) e de “Arrivée d’un train en gare à la Ciotat” (Chegada de um trem à estação de la Ciotat, 1895), dos irmãos Auguste e Louis Lumière, na Paris de 1895, o que para muitos é considerado o primeiro filme. Por quase 20 minutos, os espectadores tiveram o primeiro contato com a arte no formato audiovisual. O primeiro longa-metragem, por sua vez, foi “The Story of the Kelly Gang” (Charles Tait 1906), que também representa o nascimento do cinema australiano e já ganhou duas outras versões do século 20.

Com a emergência do audiovisual, os primeiros registros na imprensa foram marcados pela discussão sobre

o eruditismo e a legitimidade do cinema como arte. Acontece que o movimento de reunir pessoas em uma sala, sentados, com uma música que vai ditar a forma como você se sente diante de uma imagem propositalmente colocada na sua frente, de forma que é impossível desviar o olhar se não para o breu, não exerce tanto o exercício de contemplar uma escultura ou um quadro.

A arte passa a ter duração, com hora para começar e acabar, agrupa as mais diversas temáticas e mescla narrativas e gêneros dentro dessa duração. E assim como no início do cinema, o exercício crítico passou por diversas transformações, modos de enxergar e se fazer apontamentos analítico-descritivos acerca de uma obra.

Pouco depois dos irmãos Auguste e Louis Lumière projetarem seu primeiro rolo de filme, que continha os frames de “La Sortie de l’usine Lumière à Lyon”, com o auxílio de um cinematógrafo, no dia 22 de março de 1895, já não era mais possível conceber o fenômeno do modernismo, e expressão máxima do progresso nos anos 20, sem a crítica por trás da arte cinematográfica. Apesar de existir debates quanto à invenção do aparelho que tornou possível a sétima arte, só é possível compreender a produção de críticas a partir dos produtos gerados após isso.

O primeiro texto neste formato teria sido escrito com a intenção de descrever o que teria sido visto na exibição do filmes e os juízos de valor que condiziam à época em que os filmes eram novidade no mundo da arte. Eles funcionavam como reportagens opinativas, que descreviam o evento de exibição de filmes, e davam orientações sobre o valor do filme.

O primeiro veículo a se aventurar na publicação de críticas de cinema foi o “A lanterna ótica e jornal de cinematográficos”. Nesta fase, os textos se concentravam mais no debate sobre a legitimação da sétima arte, as discussões morais sobre os limites éticos do cinema (que inclusive envolviam religião).

O desenvolvimento da crítica de cinema aconteceu quase como um resultado do fenômeno da indústria cultural, já que à medida que mais longas eram lançados, os meios de comunicação se sentiam coagidos a falar sobre. Isso foi mudando com o tempo, e só para se ter uma ideia, atualmente são reconhecidos alguns gêneros dentro do formato, que vão desde a crítica descritiva, formal, a da escola de conteúdo, manipulativa, idealista, estruturalista, clássica, a que aborda uma visão geral e uma impressiva.

Os textos descritivos eram maioria entre as pri-

meiras críticas de cinema. De acordo com Caroline Braga, em sua tese de mestrado sobre a evolução da crítica, esse tipo de abordagem era mais frequente no início, já que o cinema era compreendido como um mero entretenimento, sem profundidade e espaço para análises sociais ou estéticas mais aprofundadas. Elas eram misturadas à narrativa jornalística de contar em detalhes os acontecimentos da sessão de filme, e das colunas sociais da época.

Com o tempo e o desenvolvimento de um indústria cinematográfica, escritores passaram a desenvolver capacidades analíticas de semiótica, estrutural, econômica, histórica, filosófica, psicológicas, e assim outros formatos foram surgindo.

A formal, por exemplo, já toma como base a recepção e o entendimento teórico sobre a sétima arte. Se concentrando na forma externa da película, as discussões acabam se resumindo às escolhas de enquadramento, linguagem fílmica, direção e fotografia. Apesar de ser indispensável para muitas análises de longas-metragens, esse combo de considerações agora é parte de uma crítica mais rebuscada. Como no formato da escola de conteúdo, que sintetiza a estética e elementos de composição formal da obra, para focar na crítica do conteúdo da obra: em que se avaliam roteiro, pertinência da obra e impacto psicológico e social.

A crítica manipulativa é a que melhor descreve o desenvolvimento da análise fílmica aliada à indústria cinematográfica. Ela foi pensada para contemplar os interesses particulares do crítico, bem como das distribuidoras ou publicidade. Atualmente, esse tipo de conteúdo pode ser mais facilmente encontrado nas redes sociais, em que o influenciador faz o papel de divulgar o filme, em troca de um valor publicitário. Também não é raro que os críticos sejam convocados para divulgação de um filme ao realizarem entrevistas com o elenco, conversas com diretores e publicações enaltecendo o produto audiovisual.

Às vésperas de premiações e festivais de cinema, alguns produtores investem em peso na promoção, seja por meio de holofotes na mídia ou por propagandas e divulgações, para influenciar na repercussão e recepção. No cenário atual, em que a publicidade é tão necessária quanto um roteiro bem escrito, e as propagandas geram mais renda para os escritores, do que textos escritos em portais, essa é uma estratégia que bem ou mal deve ser considerada para o sustento da indústria.

Por outro lado, a idealista se coloca no papel de identificação com o diretor e defende, acima de tudo, a arte.

Aqui, o crítico vai se concentrar em meios para interpretar o filme e as escolhas feitas pelo cineasta, resgatando as referências que compõem o estilo de filmagem, as características e o estilo, com a intenção de manipular a arte subjetiva. Em outras instâncias, é papel dele defender um olhar particular de se fazer cinema.

Subjetiva também é a análise feita na crítica impressiva, mas mais particularmente sobre o olhar do analítico. Esse tipo de crítica varia com os valores com os quais ele se identifica, carregado de experiências e direcionamentos sociopolíticos, gostos e particularidades no estilo da escrita. Tudo é analisado a partir dos seus próprios sentimentos e impressões experimentados durante o filme.

Críticos que realizam críticas estruturalistas carregam o texto com informações implícitas em um primeiro momento, e que vão além da interpretação “crua” do formato. A clássica se escora nos estudos acadêmicos sobre cinema e leva em conta ponderações menos flexíveis sobre o formato e a linguagem de cinema escolhidas para o filme. Diferentemente, a crítica de visão geral aborda recortes mais amplos dentro da análise fílmica, chegando a comparar estilos de diferentes diretores e filmes do mesmo gênero.

Mas o que dá condição e força a uma pessoa para que as opiniões dela se tornem relevantes? Esse é o ponto de maior discussão entre a crítica profissional nos dias de hoje, em que ficou muito mais fácil relatar suas opiniões e os sentimentos vividos com a comunidade. Agora existem redes sociais feitas para isso, como é o caso do Letterboxd e do Substack, em que a crítica amadora pode ter cara de profissional, e vice-versa.

“A autoridade de um crítico é a complexidade do discurso dele, né? E da pertinência do texto em relação à experiência que o leitor teve com o filme, ou seja, a capacidade de fazer o leitor perceber algo pertinente do filme que ainda não tinha passado pela mente.” - Rubens Machado

Crítico de cinema há pelo menos 50 anos, Rubens Machado desenvolve análises fílmicas quase que naturalmente, nos moldes do que ele compreende serem necessários para construir uma boa crítica de cinema: discussão do produto diante da história e o momento histórico em que ele se insere, análise do formato e a autocrítica. Obviamente, o estilo pessoal e o cuidado com as palavras são toques subjetivos que podem vir a enriquecer os conteúdos de cinema.

rede social para amantes de filme

Em 11 de março de 2020, um informe da Organização Mundial da Saúde sobre a pandemia de Covid-19, alertou para o espalhamento em escala global de um vírus identificado pela primeira vez na China. Lugares em que havia concentração de pessoas, como shows musicais, teatros e cinemas, foram os primeiros a esvaziar. As atividades ditas “não essenciais” escureceram e silenciaram por um tempo, os assentos estavam livres como se o público tivesse boicotado alguma produção, e alguns dos espaços passaram a auxiliar no combate ao vírus e até chegaram a receber alguns postos de vacinação.

Aos poucos as ruas foram se esvaziando, seja pela imposição do isolamento social, mas também pela rara oferta de existir algum lugar que estivesse recebendo clientes. O clima do início do ano, logo depois do fim do carnaval, ainda era de ressaca, inertes pela narrativa de que talvez nem fosse nos alcançar e que só seriam duas semanas reclusas. Até agora, cinco anos depois, sentimos os efeitos da doença na economia, nas produções científicas e em hábitos que contraímos nesse período, e o Letterboxd foi um deles para alguns.

O último filme a estrear antes do fechamento dos cinemas no Brasil foi “A Maldição do Espelho” (2019), do diretor russo Alexandr Domogarov Jr., com distribuição brasileira da Paris Filmes, e com média de 2,6 estrelas na comunidade cinéfila. O título, o mesmo do clássico policial homônimo de Agatha Christie, é um terror, que sofreu com a pandemia e foi um fracasso de audiência. A trama se passa em um antigo internato de jovens assustados pelos acontecimentos sobrenaturais que ocorrem por lá e, apesar de não ter ido tão bem pela conjuntura de fatos, foi o primeiro na lista de uma série de produções que marcaram a era pandêmica.

Pelo lockdown e o engajamento abaixo do esperado, a película ficou pouco tempo em cartaz, foi recolhida e surgiu alguns meses depois no catálogo dos streamings. Se antes a comodidade dos serviços do streaming era compreendido como uma fuga da rotina, até mesmo pela praticidade

do não deslocamento até uma sala de cinema, assistir quando quiser sem ter medo de perder os 15 minutos dos trailers ou alguma parte do filme enquanto busca o refil da pipoca, no período pandêmico isso se acentuou ainda mais.

O formato mudou e a arte teve que se adaptar para encaixar no molde imposto, e foi aí que explodiram as lives de artistas em casa, pockets shows, como os do Tiny Desk, e os clubes do livro e de cinema à distância que viralizaram em lives no Tik Tok e YouTube. Com a maioria da população em casa, o serviço funcionou como um escape para o momento e forçou alguns estúdios e distribuidoras a lançarem seus conteúdos longe das bilheterias e diretamente para o sofá de casa. Muitas produções tiveram etapas e estreia adiadas, mas foi nesse cenário de reinvenção do audiovisual, que o Letterboxd, a rede social dos cinéfilos, se popularizou.

A história tem início um pouco antes disso, com o Internet Movie Database (Imdb), um fórum criado em 17 de outubro de 1990, por Colin Needham, com a intenção de ajudar fãs a descobrirem novos filmes e séries, que foi utilizado como inspiração para a criação do site queridinho pelos cinéfilos. Por lá, os usuários podem pesquisar filmes ou séries por um ator, atriz ou diretor, ou mesmo pelo nome das produções. Também é possível ver os pôsteres de cada uma das produções, com a data de lançamento e a avaliação dos usuários do fórum com uma nota que varia de zero a dez.

O Letterboxd é isso na sua essência: o site é um grande inventário de produções audiovisuais que traz detalhes sobre a direção, produção, trailer, fotos, gosto do público e da comunidade de fãs, informações sobre estreias, ingressos e bilheteria e resenhas de até seiscentos caracteres. O formato não permite uma análise tão aprofundada das obras, mas indica uma mudança que a crítica de cinema viveu quanto migrou para núcleos cinéfilos na web.

A época também marcou o crescimento dos blogs, que aos poucos passaram a escrita impressa na forma como os textos sobre cinema eram concebidos. Isso alterou a forma como o conteúdo era distribuído, a linguagem apresentada e o perfil dos críticos (na forma estilística e mais estereotipada possível). Se antes, a figura do crítico era tida no imaginário popular como uma personalidade por vezes até arrogante, que se escondia por trás das páginas do jornal, de óculos e com um cigarro na mão (tome como exemplo Anton Ego, personagem da animação *Ratatouille* de 2007), a internet diversificou o perfil e compreendeu mais pessoas dentro do exercício da crítica.

Já em termos estéticos, o Letterboxd bebe na fonte do Delicious Library, um aplicativo disponibilizado para Mac OS X e que servia como gerenciador de materiais digitais (documentos, PDFs, livros, áudio, fotos e outros arquivos). Ali, os arquivos eram dispostos em prateleiras, como se fizessem parte de um mostruário, só que dentro do computador.

A última versão da tal “biblioteca” foi lançada em 2013, pouco tempo depois de Matthew Buchanan e Karl von Randon lançarem a primeira do Letterboxd. Designer por formação e profissão, antes de tornar o Letterboxd uma realidade, Matthew administrava um pequeno estúdio de design em Auckland, mesma cidade em que realizou sua formação no Designers Institute of New Zealand. A paixão por design e filmes foi consolidada no site, que incorpora bem isso ao dispor os posters das obras em fileiras, mas ainda faltava o teor de comunidade das redes sociais que o criador gostaria de incorporar no site.

Ao final, o foco acabou se concentrando em três áreas: design, social e editorial, o que se fez presente no diário de filmes, a capacidade de compartilhar resenhas e críticas usando um modelo de seguidor e a criação e compartilhamento de listas. Foi então em outubro de 2011, que os criadores lançaram a primeira versão do Letterboxd na web, apresentado com as mesmas três cores que formam o logo atual (laranja, verde e azul), mas com a fonte similar a de uma máquina de escrever, e disponível apenas para convidados previamente aceitos no “clube do cinema”.

As cores ainda persistem, mas o “clube do cinema” se transformou na versão paga do aplicativo, que dispõe de algumas ferramentas mais sofisticadas, que podem auxiliar no dia a dia cinéfilo. Por exemplo, a versão de R\$ 52,90, adquirida por ano, disponibiliza estatísticas mensais e anuais com base no diário de filmes e das obras assistidas, além de indicar conteúdos especializados a partir do streaming escolhido como favorito, destacar informações ou conteúdos no seu próprio perfil, duplicar listas, organizar tags e o principal: remoção das propagandas dentro do app.

A versão mais cara, R\$ 136,90 por ano, inclui tudo isso, além de ser possível alterar a arte de capa dos pôsteres, adicionando uma alternativa ou uma fanart para identificar o filme, o mesmo vale para as fotos de atores e equipe de produção, personalização da sua própria página (além do ícone de perfil). O assinante também tem acesso às novas atualizações na versão beta, ou seja, antes mesmo

do lançamento dos upgrades, além de não precisar desembolsar mais nada para consumir os conteúdos do Letterboxd HQ, um Journal para pagantes.

entre-telas

A história da rede social de cinéfilos se confunde com o aprimoramento da tecnologia audiovisual. Desde quando foi possível tornar a experiência de ir ao cinema mais cômoda, ao trazer os filmes para dentro das nossas salas, a sétima arte passou a enfrentar problemas de compatibilidade com a reprodução dos vídeos.

Assim como em uma pintura, a moldura do argumento ali produzido faz total diferença na forma como captamos a arte. Quando ainda eram escassas as tecnologias digitais para as gravações, o cinema seguiu com o modelo clássico em 35mm. Pode ser que muitos não notassem a diferença em um romance na telona ou na TV, até descobrir que quase três quartos das imagens eram perdidas na conversão, ou que o casal filmado na realidade está envolvido em um triângulo amoroso.

Algumas emissoras contratavam profissionais específicos para os serviços de “pan-and-scan”, que consistia na seleção de pequenas partes da tela, para fazer a imagem corresponder ao diálogo ou à mensagem principal a ser transmitida em casos de sucesso. o problema é quando a decisão removesse personagens importantes de uma cena, ou eliminasse momentos de tensão, medo, romance e felicidade. Indiana Jones e a Última Cruzada (Steven Spielberg, 1989) é um exemplo de um filme que precisou passar por uma edição de cortes, que até chegou a irritar Spielberg: “A única vez em que eu perco minha integridade como cineasta é quando meus filmes vão para a TV”. A resolução do problema dá nome ao site mais popular entre os cinéfilos: Letterboxd.

Os filmes podem ter proporções diferentes atualmente, o que permite a existência de Oppenheimer (Christopher Nolan, 2022) e Duna (Dennis Villeneuve, 2021) em IMax, por exemplo, graças à “tecnologia” de barras. A abertura da imagem passa a ser definida pela largura das barras pretas que acompanham a projeção do filme e que dão uma certa “margem de segurança”, para que uma obra audiovisual tenha sua proporção em tela original preservada, sem perder cenas ou itens importantes para cortes.

Em um primeiro momento, a reação da comunidade foi totalmente contrária a tecnologia, que argumentava com a chance dos filmes ficarem distorcidos. Mas já passaram a ser utilizada por critérios estéticos, como em “The Grand Budapest Hotel” (Wes Anderson, 2014).

A mesma tecnologia dá nome ao aplicativo que muitos não conseguem viver sem. E o é tudo isso: um aplicativo que tem cara de um velho blog, funciona como uma locadora de críticas e opiniões sobre cinema, com nome de técnica cinematográfica. O aplicativo já é utilizado por alguns veículos de comunicação (Cahiers du Cinéma, O Lâmpião da Esquina, Variety, e IndieWare) como uma plataforma para dissipação das críticas, sem mencionar críticos individuais, como Isabela Boscov, Isabel Wittmann, Marcio Sallem, Rubens Machado, entre outros.

Para perfis individuais, ele pode funcionar como um impulsionador de críticas, seja pela exploração de um formato específico para o site, - as chamadas críticas em cápsulas -, ou seja pelo próprio diálogo estabelecido entre escritor e público, que passa a ser mais horizontal do que em colunas online em sites, por exemplo. Isso acontece porque é possível adicionar comentários e likes no conteúdo veiculado por lá, diferentemente de uma postagem em um portal já tradicional, em que o diálogo entre escritor e leitor é mais difícil de acontecer.

O aplicativo se tornou tão famoso que ganhou espaço dentro do jornalismo cultural e crítico para centralizar as publicações e o nicho de amantes do cinema. Com a pandemia, acabou ganhando a visibilidade que tem. Ele é utilizado principalmente para a catalogação social de filmes e produtos audiovisuais, além de servir como espaço para escritores amadores e profissionais dividirem suas opiniões sobre filmes.

O espaço destinado para esse tipo de conteúdo é chamado de reviews. Por lá, o cinéfilo pode adicionar um comentário, uma crítica ou até mesmo um link, que expresse alguma relação com uma emoção sentida ao assistir um filme. Sem limite de caracteres, o espaço acaba sendo utilizado de diversas formas, mas sempre para criticar mais objetivamente: um detalhe sobre a composição de uma cena, a escolha dos figurinos, o sotaque criado em uma má atuação, uma menção aos trabalhos anteriores de um diretor, referências a ícones pops, enfim, muitas possibilidades.

Ali, é possível criar um conteúdo fora dos formatos já consolidados (ensaios, crônicas), permitindo a formatação do corpo do texto em negrito, itálico e uma pró-

pria para links, a partir de tags de HTML, e abordagens mais rápidas, a partir do que se espera ler em uma rede social de cinéfilos. Esse tipo de pensamento veio com o próprio propósito do site, que defende o diálogo, ao contrário de um texto fechado em início, meio e fim que delimita uma opinião sobre uma determinada obra audiovisual.

Uma forma que nasceu nessa perspectiva foram as críticas encapsuladas, textos pensados na lógica da rede social e que transmitem a ideia principal de um comentário sobre a obra em um ou dois parágrafos, ou um trecho que instigue o leitor a buscar pelo conteúdo na íntegra. Por isso, no geral, críticos e portais que fazem uso desse formato também aproveitam o espaço para adicionar links externos para as resenhas completas no próprio portal ou blog.

O Indiewire, portal independente de entretenimento, por exemplo, costuma formatar um “abre” da crítica que descreve e analisa superficialmente, com o link para o texto todo, assim como Isabela Boscov, a crítica que alcançou um milhão de seguidores no Youtube, e que faz uso da ferramenta para impulsionar as críticas em vídeo dela e resgatar integralmente as críticas antigas feitas na revista Veja. Há quem use o espaço como um diário, para organizar os filmes e os pensamentos que tiveram durante a sessão, ou aqueles que usam apenas para externalizar um pensamento mais cômico que teve durante o filme. Apesar de já terem sido estabelecidas normas para a boa convivência dentro da plataforma, isso não impede aos usuários comentários jogosos, hates e fake news.

A função “diary” é como uma estante de uma videolocadora, mas só com as obras audiovisuais que o usuário já assistiu. Antes, o encarte de um dvd continha todas as informações sobre o filme escolhido: a capa era ilustrada com a arte de pôster, o verso com dados sobre o elenco, diretor e sinopse. O Letterboxd simula isso ao dispor em “watched” as produções catalogadas no diário pessoal. Lá, as produções ficam dispostas de forma que dá para acompanhar as informações por data de lançamento ou de vista, e pela avaliação por menor ou maior número de estrelas, que vão de 0 a 5, gênero e streaming. Também as informações sobre o filme, como pôster. Para aqueles que desembolsam a versão Pro, ainda é possível trocar a arte de capa de cada uma das películas.

Dá para aumentar sua coletânea do diário à medida em que os filmes vão sendo vistos e “logados” na página. Na prática, isso digitaliza os antigos caderninhos de anotações e auxilia no controle dos filmes, sendo quase in-

dispensável para críticos e cinéfilos. Fora que facilita o controle de críticas, de avaliações e de likes já feitos. Também para a organização, a função “lists” ordena os filmes em pastas pensadas em qualquer tipo de critério. Aquelas que associam literatura a alguma adaptação, séries de filmes que incluem prequels e sequels, ou as que datam as películas em períodos na história e ranqueiam as melhores produções são as mais comuns. Dá para combinar palavra com o visual, música, referências pops e tendências. O próprio aplicativo utiliza a função para listar filmes de um determinado gênero, ocasião (filmes de natal, especiais LGBTs, valentine’s day, halloween, etc).

A cada quinze dias, o Letterboxd propõe um desafio de listas, com um tópico definido pela equipe editorial do site, e a tag que compreende os filmes escolhidos. O “Letterboxd ShowDown”, como é chamado, começou com “First Love”, em que os usuários montam listas com no mínimo dez filmes de estreias marcantes de diretores. Entre os escolhidos estão clássicos como “Night of the Living Dead” (George A. Romero, 1968), “American Beauty” (Sam Mendes, 1999) e “Eraserhead” (David Lynch, 1977), e os mais recentes “The Witch” (Robert Eggers, 2015) e “Corra!” (Jordan Peele, 2017).

Até agora, já aconteceram 210 edições do showdown com temas diversos, indo desde os melhores filmes de terror dos anos 1980, até melhores triângulos amorosos, filmes esnobados pela academia do Oscar, os melhores em moda e as melhores perseguições de carros do cinema. Sempre às terças, eles soltam o resultado em consenso dos melhores filmes nesta categoria, e anunciam a próxima categoria da próxima quinzena com a tag: showdown: tema.

As tags são atalhos para encontrar filmes, listas e reviews dentro do Letterboxd, e cada cinéfilo pode criar uma, a partir de gostos quaisquer. Festivais de cinema usam a ferramenta para facilitar a busca por listas com os filmes da edição e curadoria; críticos e jornalistas podem utilizá-las para indicar onde o filme criticado foi visto ou pode ser encontrado nos streamings, e se é uma estreia ou uma cabine, ou mesmo em uma tag que delimita o público que tem a tendência maior de consumir aquele tipo de comentário sobre cinema.

Na prática, ela funciona como etiquetas que organizam caixas e prateleiras do letterboxd. A “watchlist” é uma das tags essenciais no aplicativo, e que acabou se tornando uma seção para despejar filmes que pretendemos

assistir em algum momento, ou que sentimos vontade de assistir. O tópico até passou a ser uma brincadeira nas redes sociais, já que é mais comum que os filmes demorem e até mesmo nunca sejam vistos. Com o volume de produções saindo o tempo todo, outras indicações surgindo, a tendência é que a quantidade de filmes nessa lista aumente. Por outro lado, é uma boa forma de manter em vista as produções que ainda estão para estrear.

Há duas formas para avaliar um filme sem comentários críticos e reviews: “rated” e “like”. Em uma escala de ½ estrela até 5, cinéfilos podem atribuir um valor que corresponde às opiniões que possuem sobre eles, que não necessariamente corresponde à qualidade técnica de roteiro, fotografia, som, elenco, direção ou roteiro. Cada usuário possui critérios subjetivos pelos quais gostou ou não de alguma produção, e fica livre para dar a nota que quiser. Alguns tendem a rechaçar esse tipo de crítica, inclusive porque reduz o trabalho da análise fílmica a um sistema de pontuação menos assertivo. Ainda sim, o sistema acaba condensando a recepção do público por uma determinada produção, e demonstra, a partir da curva de notas, a popularidade dele.

Por exemplo, há produções que dividem o público e que apresentam uma curva alta no início, baixa no meio e alta mais próxima das maiores notas, que é o caso do mais recente filme de Ari Aster, diretor aclamado pelo terror, por longas como “Hereditário” (2018) e “Midsommar” (2019), mas que foi bem controverso em “Eddington” (Ari Aster, 2025).

Gosto não se discute. E é por isso que a categoria “like”, é a mais indiscutível possível, e a mais subjetiva também. Bem próximo da lógica das redes sociais, em que se você gostou de um determinado conteúdo, você tem a opção de deixar uma curtida, a ferramenta atribui um valor ainda mais pessoal a opinião sobre um filme. É quase impossível adivinhar quais critérios fizeram um filme ganhar os corações dos espectadores e outros não.

Pode ser por uma memória de infância, identificação com a personagem principal ou a história, mas é interessante ver que nesse quesito, acabam sendo incluídas produções consideradas até ruins tecnicamente falando, só que o apego acaba tornando motivo suficiente para enaltecer positivamente aquela produção. Essa é uma das categorias dentro do aplicativo que é capaz de sintetizar a crítica bem superficialmente, já que não depende de um pensamento analítico tão sofisticado para definir se você gosta ou não

daquele filme.

letterboxd journal

Por ser muito popular entre a comunidade cinéfila, investir na criação de conteúdos no Letterboxd já facilita ao proporcionar diálogo direto com o público alvo de entusiastas da sétima arte. Em 2021, enquanto furava a bolha e incorporava um time de editores, escritores e colaboradores, a plataforma completou dez anos no ar e aproveitou para lançar o Journal, uma revista online sobre cinema. A ideia não era só aumentar o volume de textos sobre cinema, e sim expandir o blog e concentrar as discussões da sétima arte em um anexo ao site.

Antes também era possível ter acesso a entrevistas, artigos e listas gerais, que portais de cinema, streamings e jornalistas criaram, mas eles eram encontrados um pouco desorganizados nas páginas dos colaboradores do Letterboxd. A missão inicial da revista era incluir mais filmes, fossem eles de mainstream ou alternativos, destacar os melhores textos no Letterboxd e trazer mais notícias dos bastidores da indústria cinematográfica.

Dividida em 12 editorias diferentes, a revista é feita pela equipe do próprio site, mas também conta com colaborações externas em entrevistas, opiniões e análises de dados sobre cinema. Em “Awards”, os leitores ficam em contato com o outro lado das grandes premiações, além do tapete vermelho e fofoca de bastidores e, para isso, eles tiveram que se fazer presentes na linha de frente. Assim, foi criada uma estratégia de conteúdo focada nos formatos em vídeos na vertical para TikTok e Reels, além do twitter, e um em específico acabou viralizando e se consolidando como um formato chancelado por eles: “Qual seu top 4 filmes favoritos?”. Com um microfone customizado com as cores do aplicativo, a social media (quem sabe a repórter dos dias atuais) sai interrogando atores, atrizes e diretores que muitas vezes travam e são enganados pela memória. “Oh Letterboxd! We love Letterboxd” (Nicole Kidman, 2025).

Esses conteúdos e experiências são compartilhadas em texto na editoria, assim como em “Big Picture”, que se volta para temas mais profundos dentro do cinema. Mesclando temas de aspecto psicológico, história da arte e do cinema, feminismos, LGBTQIA+, artes e cultura, ele dialoga com as várias frentes que a sétima arte pode ter, por ser a

mais próxima das sociedades que vivemos atualmente, e por trazer várias possibilidades de se fazer e interpretar arte. É a porção mais acadêmica do cinema que reflete em artigos mais longos, o trabalho de pesquisa, indispensável para manter a profundidade no assunto que por vezes precisa de um argumento de autoridade, para demonstrar a indústria como reflexo da sociedade e o cinema como consequência.

Outra editoria próxima desse propósito é a “Cinemascope”, que funciona mais como uma lista de filmes com temas delimitados. Além de soltarem mensalmente as estreias pouco comentadas nos portais de grande alcance, todas elas com uma breve sinopse e os motivos pelos quais o leitor deveria ir às salas de cinema, eles investem em artigos que se desdobram a partir de diferentes coleções de filmes. Já tiveram artigos sobre a representação do Bob Dylan no cinema, incluindo “A Complete Unknown” (James Mangold, 2024) e “I’m Not There” (Todd Haynes, 2007), além de cinema indígena norte-americano.

Em “Community”, um grupo de cinéfilos, pessoas da equipe e colaboradores escolhidos pelo Letterboxd fazem duas escolhas do mês, montando um acervo de filmes para cada tema escolhido. Em fevereiro, mês do dia de São Valentim, eles focaram na escolha de romances que iam do mais clichê “Decision to Leave” (Park Chan-wook, 2022), até o incompreendido e reprimido “Hellraiser” (Clive Barker, 1987), que na essência é um terror. A editoria também é espaço para enaltecer e honrar diretores e atores, como no artigo “Fix Your Heart”, que homenageou a obra de David Lynch no dia da sua morte.

“Deep Impact” por sua vez celebra as grandes obras do cinema na data em que comemoram aniversários emblemáticos. A ideia é revisitar clássicos como “Entrevista com o Vampiro” (Neil Jordan, 1994), e trazer uma nova perspectiva e análise para aquele conteúdo, além de homenagear e colocar ele em destaque dentro da história da sétima arte. Também são feitas revistas em obras de estúdios que tiveram grande impacto na história do cinema, como a Columbia Pictures, bem como cineastas. Para aprofundar o diálogo sobre os filmes, alguns dos artigos também contam com entrevistas com os realizadores.

Para tomar conta das pautas de serviço, o “Festival Circuit” cobre os principais festivais, estreias e premieres de cinema da temporada. Por lá, os textos se dividem em artigos opinativos sobre as melhores estreias e surpresas dos festivais, com um enfoque no SXSW (South by Southwest), Cannes, Berlinale, Sundance, TIFF (Toronto

International Film Festival).

A presença nesses lugares é importante não só para as informações em primeira mão, como para ficar por dentro de novos projetos de diretores e exclusivas com elencos, mas para produzir os conteúdos que são veiculados nas outras redes sociais, especialmente o TikTok. Eles usam o espaço do tapete vermelho para se aproximar da indústria audiovisual, e acabam criando novos formatos de conteúdos, e assim é possível questionar quais são os quatro filmes favoritos das celebridades, curiosidade sobre os bastidores e estreitar conexões com a indústria.

Diferente das rapidinhas feitas nos “red carpets”, o Journal cede espaço para conversas mais aprofundadas em “Interviews”. A seção é a mais explorada e com maior número de reportagens em comparação com outras editorias, já que existe desde antes da compilação de reportagens na magazine. Pensado para aproveitar o “hype” de produções ou premiações, que geralmente traz filmes e estreias do momento, o texto pode variar na estrutura a partir do estilo do autor.

Para transpassar a simpatia e grandeza de Fernanda Torres, na entrevista de “Ainda Estou Aqui” (Walter Salles, 2024) a jornalista optou por deixar as respostas da indicada ao Oscar na íntegra, logo após as perguntas sobre a obra e a sua atuação. Já para a conversa com os protagonistas de “A Real Pain” (Jesse Eisenberg, 2024), a tática foi diferente: intercalando as respostas dos dois para que as duas vozes fossem diferenciadas no texto.

Se em “interview” o foco está na obra cinematográfica, independente se o elenco ou o diretor é o escolhido para o papo, “life in film” busca dar voz aos que fazem cinema. Como uma conversa com um amigo próximo, você é conduzido pelo processo criativo do diretor, que surge para dar seu olhar sobre suas escolhas em um longa, mas também contar sua história com as referências e processos que levaram a ser o artista que é.

O mesmo vale para atrizes e atores, que trazem o toque pessoal às perguntas padrões: “Qual filme você recomendaria?”. Essa também é uma daquelas seções que surgiram espontaneamente, antes do time editorial condensar tudo dentro do Journal. As produções deixaram de ser feitas em 2023, mas servem de arquivo para um momento que marca justamente a virada de chave no período pandêmico, momento em que foi preciso pensar em melhorias para comportar a chegada de tantos cinéfilos na plataforma.

Daí surgiu a solução para a necessidade de se falar sobre o site, que chega com as atualizações e novidades por meio do “Plataform”. Inclusive, esse foi o espaço escolhido para noticiar a criação da revista online, que tem colaboração direta da equipe e dos fundadores do Letterboxd, inclusive Matthew Buchanan. Ele assina os primeiros textos de atualização, informando a troca do novo design do logo, melhorias dentro da navegabilidade do site, a chegada do aplicativo nos aparelhos Android e a primeira edição do Year in Review, em 2015.

Assim como todos esperam pela retrospectiva musical do Spotify, passaram a esperar pela retrospectiva do Letterboxd. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Primeiro porque o mundo cinéfilo quase nunca solta no final do ano: já teve edições semestrais, ao invés de anuais, e sempre é um mistério quando vai ser divulgado.

Lá em dezembro, quando se lembram das métricas, alguns correm contra o prejuízo de ficarem algumas horas a menos sem terem assistido a um filme, ou para acobertar o guilty pleasure, indo atrás do prejuízo para que seu diretor favorito e ator ou atriz surja entre os mais vistos. Também dá para lembrar qual foi o seu primeiro e último play do ano, as reviews que fez, o gênero mais assistido e as notas que distribuiu durante um ano vivendo cinema.

Essa lógica é replicada no Journal, que fica com a função de divulgar os dados dentro da plataforma, com os filmes que foram mais logados durante o ano e os destaques positivos e negativos. Em 2024, por exemplo, o filme mais bem votado foi “Duna: Parte 2” (Dennis Villeneuve, 2023), e o documentário mais bem avaliado foi “No Other Land” (Yuval Abraham, Hamdan Ballal, Basel Adra e Rachel Szor, 2024), que coincidentemente venceu o Oscar na categoria.

A única coluna assinada no Letterboxd é a Shelf Life. Katie Rife toca ela mensalmente, junto a uma newsletter que destaca restaurações, repertórios, e relançamentos de filmes nos cinemas e nos dvd’s. Como crítica, ela possui contribuições em outros portais: IndieWare, Vulture e IGN. A expertise na área deixa a coluna diversa em informações sobre os gêneros no cinema, com informações sobre aprimorações em tecnologia que permitem a conservação de filmes clássicos. Essa também é uma área que mexe com uma indústria à parte, que ganha sobre obras de segundos, mas que não deixa de se interessar pelo fazer cinematográfico. Links externos que indicam a disponibilidade das versões físicas no varejo ganham uma pequena comissão da Amazon.

A editoria que compreende novos formatos de reportagem é “Podcast”, voltado para as análises em áudio, no “The Letterboxd Show”, apresentado por Mia e Gemma. Na aba do Journal, a editoria lista os episódios já disponíveis, geralmente lançados semanalmente, com o título e um parágrafo detalhando os convidados da semana, o tema e as novidades no cinema a serem discutidas. O formato de programa padrão utilizado é o “Best in Show”, mas há vezes em que entrevistas e vídeos produzidos para as redes sociais ficam tão bons que merecem um espaço por lá.

Esse é o caso de “Four Favorites With”, em que um convidado conta quais são os quatro filmes favoritos dele e porquê, além de especiais de Halloween e de clássicos do cinema, entrevistas com elencos e recomendações para o final de semana. Ao clicar em cada um dos episódios disponíveis, o cinéfilo é levado para um player desenvolvido especialmente para a reprodução do podcast, que dispõe da minutagem, descrição do episódio e outras plataformas em que é possível dar play no conteúdo (Spotify, Apple Cast, Castbox, Podbean, Iheartradio). Com três temporadas, 140 episódios e no ar desde fevereiro de 2020, esse é o campo com produções mais recorrentes, e consumidores de conteúdos fiéis.

Atualmente, o site reúne mais de 17 milhões de usuários e é item quase indispensável na rotina dos cinéfilos. Críticos usam o espaço para criar listas de filmes, seja como indicações ou para rankear os melhores do ano, além de consultar entradas diárias dos filmes que viram, as tendências e acompanhar as movimentações dos seguidores. Com um banco de dados que utiliza plataformas já encontradas na web, estima-se que mais de 2 milhões de filmes compõem o catálogo, indo desde produções independentes até blockbusters dos grandes estúdios.

Alguns outros aplicativos possuem finalidades semelhantes, mas nada próximo ao efeito que o aplicativo causou no audiovisual. Seja pelo trabalho investido no marketing da marca, pela presença em festivais e por ser quase indispensável na rotina de muitas pessoas. Como ferramenta e meio jornalístico, ele conseguiu fundir a tradição com o que existe de mais atual nas redes sociais, o que diversificou o público consumidor de conteúdos sobre cinema.

Atores e outras personalidades também fazem uso do espaço, se colocando como entusiastas do cinema, mesmo pelo outro lado das câmeras. Por lá, eles dão suas opiniões, falam sobre os projetos que participaram e enriquecem o debate sobre filmes a partir da visão deles. Francis

Ford Coppola, diretor de “Apocalypse Now” (Ford Coppola, 1979), Kyle MacLachlan, ator de “Twin Peaks” (Mark Frost e David Lynch, 1990), Martin Scorsese, de “Taxi Driver” (1976), Charli xcx, cantora, produtora musical e atriz, Ayo Edebiri, a atriz que dá vida à ansiedade em “Divertida Mente 2” (Kelsey Mann, 2024), Edgar Wright, diretor de “Scott Pilgrim vs The World” (2010) e Sean Baker, vencedor do Oscar de melhor diretor por “Anora” (2024). O brasileiro Kleber Mendonça, diretor por trás de “Som ao Redor” (2012) e “Bacurau” (2019), também não fica de fora.

Obviamente, o espaço também é aproveitado por críticos como Isabela Boscov, que iniciou sua trajetória na análise escrita e usufrui para replicar textos antigos, adicionar links de resenhas em vídeos. Como ela, Waldemar Dalenogare, Marcio Sallem, Pablo Vilaça, Isabel Wittmann, Bruno Carmelo, Bárbara Demerov e David Ehrlich instrumentalizam o site para a realizar a crítica de cinema atual.

jornalismo e letterboxd

De repente, foi possível controlar o descontrole da opinião pública na internet. Sites que trazem avaliações de conteúdos concentram grande parte das críticas sobre audiovisual na internet, e servem até como consultoria para aqueles que não sabem o que consumir. Quem nunca se deparou sentado no sofá, com várias opções dentro do streaming mas se pegou dizendo: “não tem nada para assistir!”. E é um fato, está cada vez mais difícil consumir todo o conteúdo que é disponibilizado, e não é porque os conteúdos estão escassos.

O futebol é um exemplo claro: se antes havia uma emissora controlando a transmissão da maioria dos jogos de times brasileiros, hoje é preciso pesquisar em cada um dos streamings para saber onde será transmitido. Sem mencionar que alguns canais só transmitem as partidas por assinatura, enquanto outros monetizam com as milhares de visualizações em jogos, o que desafia a televisão aberta a se inovar com a prevalência das plataformas digitais. Já os filmes e séries são separados por estúdios ou distribuidoras, o que facilita a concentração deles em determinados streamings. Alguns até possuem estúdio próprios, no caso da Prime Vídeo e da Netflix.

Em meio ao caos do fluxo quase infinito de conteúdos e informações, o Letterboxd criou um oásis para a comunidade cinéfila que quer se orientar sobre o que assistir, quais são os filmes em tendência e os comentários de outras pessoas a respeito deles. Assim também funcionam outras comunidades online sobre filmes, tais como o AdoroCinema, IMDb e Filmow, mas nenhum deles possui a interface e a recepção que o Letterboxd teve. Lá surgiu um novo modelo de crítica de cinema que faz jus à velocidade de acesso que agora temos ao conteúdo.

Jornalistas passaram então a migrar para o site, sem deixar de estarem presentes em blogs e os cadernos de cultura, a fim de explorar um novo campo dentro da comunidade cinéfila que proporciona um diálogo mais vertical e direto com o público que eles desejavam alcançar. Se o site inaugurou uma nova forma de se pensar e fazer críticas de cinema, ainda não é possível dizer.

Para analisar o contexto é preciso ir um pouco atrás, na maneira como o jornalismo foi devorado pela internet e agora faz disso sua principal rede de sustento. Um pouco antes das redes sociais, o jornalismo crítico de cinema era feito em blogs, a contragosto de quem defendia o trabalho “sério” que estaria vinculado às páginas de jornais e revistas tradicionais de cultura. Sério ou não, isso proporcionou aos aspirantes a críticos e críticos já consolidados, novas oportunidades em se fazer jornalismo crítico de cinema.

Na teoria, a crítica é um gênero jornalístico de opinião, compreendida em um objeto já desenvolvido ou feito. Isso também se aplica aos vídeos resenhas que surgiram no período e que moldaram a opinião de muitos jovens escritores sobre cinema no início dos anos 2010. Apesar do formato ser totalmente diferente do escrito, ele é a prova de que foi preciso se reinventar dentro do formato para chegar aos cinéfilos dos tempos modernos.

De início, compreendido como algo amador e de pouca autoridade crítica, demorou um tempo para que fossem normalizados os textos sobre cinema idealizados na internet. Mas foi em um curto espaço de tempo que mais e mais pessoas se apropriaram da voz que teriam por meio dos blogs para criticar e comentar sobre cinema. E é aí que mora o principal argumento dos contrários à revolução crítica que se faz presente. Acontece que a internet, na maneira como ela é consumida e, como um ciclo de produtividade dentro dela, da forma como os aplicativos e sites entregam conteúdos, o informativo é bem mais frequente do que as análises rebuscadas, cheias de opiniões e de pré-conceitos acadêmicos.

É isso que Rubens Machado, professor de Crítica do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da USP, explica. Textos longos e analíticos fazem parte de uma era analógica dentro do funcionamento das redes, que agora, mais especificamente, não consegue nem competir com conteúdos que não estejam traduzidos em vídeos na vertical, roteirizados da forma mais didática e simples possível. E o fenômeno não se resume ao jornalismo crítico: se entrar no TikTok é bem possível encontrar cortes de um filme que te farão conhecer a história e tudo o que você precisa saber sobre o enredo sem mesmo ter visto a obra.

Como desprender tempo para a leitura se o momento atual dita a proeminência de notícias de duas linhas e conclusões sem análises? O exercício crítico demanda a experiência de pensamento. Ele explica que na conjuntura atual, a internet tem feito o oposto ao automatizar ideias, além

de outros impactos a curto prazo, como na maneira da escrita e mudanças no consumo de informações. Por simplificar o acesso, ele acaba empobrecendo a própria capacidade dos indivíduos, que ficam mais suscetíveis a verdades duvidosas e “fascismos”.

"Você já está habituado a mensagens rápidas, e isso acaba passando quase despercebido. Mas na realidade, eu acho que ela [internet] empobrece a experiência do pensamento, né?"

Rubens Machado

Esse já é um cenário pós-blogs, em que as críticas em formato de texto são minoria, em contraste com os formatos de vídeos-resenhas curtos e longos. Agora, essa é a forma mais comum de se inteirar desses assuntos e conhecer novos críticos, para além das palavras. E o Letterboxd talvez tenha feito sucesso porque conseguiu resgatar a internet analógica, com uma mescla de características retiradas dos fóruns, msn, orkut. Na essência, ele nunca deixou de ser uma comunidade sobre cinema, que dá voz ativa para todos os cadastrados, e ainda mais para os que desembolsam uma certa quantia para aproveitar o aplicativo no todo.

Por lá, acompanhamos uma comunidade cinéfila engajada, que troca likes e divide suas opiniões sobre filmes, elencos e diretores. A crítica de cinema está nesse “espaço comum” disponibilizado pelo aplicativo neozelandês, bem como as informações técnicas do filme, a recepção do público, notícias sobre cinema e lançamentos, listas e indicações.

O que o jornalismo tem em mãos com o letterboxd é basicamente uma ferramenta bruta, que ainda precisa ser compreendida e dominada. Estar no centro das discussões, monitorar as atualizações sobre os filmes e a recepção dos usuários, faz parte de um cotidiano entrelinhas do trabalho, longe do glamour do jornalismo raiz que vai atrás da fonte e gasta sola de sapato.

Em termos técnicos jornalísticos, o aplicativo é um “povo-fala” sobre diversos filmes. Por lá, existe um diálogo horizontal, em que cada opinião tem o mesmo nível de importância, seja um cinéfilo comum, um crítico renomado, um estudioso de cinema ou mesmo um espectador normal. O que não se tem é a confiabilidade da análise crítica, ausente porque não existem amarras editoriais em nenhuma das críticas ou “reviews” escritas por cada um dos usuários. Comentários rápidos sobre cenas que instigaram ou causaram alguma es-

tranheza, piadinhas sobre uma determinada atuação e referências pop – tudo isso, condensado em menos de uma ou duas linhas, caracteriza as críticas feitas por lá.

Os perfis que escrevem são bem variados, indo desde críticos que fazem uso do aplicativo para pulverizar ainda mais os textos escritos, influencers de cinema e CPFs comuns. Leitores e escritores de cinema se igualam, e não há distinção certa sobre o conteúdo que postam, apenas que tratam sobre a sétima arte. E como o futebol no Brasil, e talvez seja como o cricket na Índia, o cinema é o mais popular de todas as artes, o que faz com que mais pessoas se sintam mais engajadas para conversar sobre o tema. Ou seja, a figura crítica não é tão delimitada: qualquer um pode e deve falar sobre cinema.

Mas isso põe em xeque algumas questões dentro do trabalho jornalístico que existe por trás da crítica. Querendo ou não, o cuidado com a palavra é necessário, além da sensibilidade, olhar apurado e bom senso. A autoridade da crítica também é construída a partir do respeito mútuo entre o artista e o crítico que mantém o ecossistema: a arte vive da crítica, e a crítica precisa da arte para existir. Além de critérios como a regularidade da publicação – inclusive algumas associações de críticos, como a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) e a Online Film Critics Society (Ofcs), pedem comprovação da crítica recorrente em formato de texto, bem como a qualidade da análise (totalmente subjetivo).

"Dá para diferenciar o trabalho de um bom e um mau crítico pela autocrítica. Ela faz parte do trabalho do crítico. Ele precisa ter uma percepção da sua própria qualidade, para poder ter autoridade ao falar sobre qualidades de terceiros."

Rubens Machado

Tudo isso ainda falta dentro do aplicativo que, por um lado, não foi criado como um veículo de críticas, e sim uma rede social para se conversar e estar em contato com pessoas que gostam de cinema. Sem mencionar que com a incorporação do aplicativo no dia a dia de críticos "legitimados", o discurso também é alterado, já que o público alvo muda. Por outra perspectiva, uma mudança na linguagem é compreendida como necessária, principalmente porque os textos são relevantes pela repercussão que possuem, e às vezes é preciso apelar para que isso aconteça. Na lógica do aplicativo, o retorno que os usuários possuem dos conteú-

dos que produzem é entregue por meio de likes, e não por pagamentos ou métricas positivas de um blog.

Cada vez mais os estúdios e as promoções de filmes separam sessões de filmes para que blogueiros e influenciadores de filmes se inseriram, seja para a promoção do filme ou moldar o impacto que a produção terá nas bilheterias, com notinhas positivas e promoções. Cada vez mais o acesso à informação é facilitado, cada vez mais o aparente “livre” discurso é utilizado, e mais a autoridade crítica é questionada. Mesmo os críticos que fazem uso da plataforma para impulsionar as resenhas escritas na íntegra nos blogs, possuem um formato pensado para o site que não requer um refinamento editorial, já que estariam aproveitando todo o exercício crítico empregado na construção do texto original.

A estratégia, que na teoria é muito simples, mas na prática depende de tempo e dedicação do profissional crítico, é basicamente escolher um parágrafo que mais chame atenção entre todos do seu texto, e replicar com um link que leva para a íntegra num blog ou substack. Na prática, alguns profissionais entendem que não há tantas variações nas visitas dos sites, mas ajuda a criar proximidade com o público. É como se eles recebessem um conteúdo extra, como um anexo cultural dos jornais impressos de todos os domingos.

nova imprensa cinematográfica

Desde que o jornalismo migrou para a cena da internet, foi preciso compreender as formas para se trabalhar por lá. Alguns aprenderam com ferramentas do wordpress para lidar com os algoritmos do google, outros desenvolveram técnicas, como o SEO (estratégias de otimização de conteúdo) para sair à frente com os furos e ter suas matérias melhor posicionadas na página de busca.

Como agora a informação está por toda a parte, e não é preciso correr com a apuração para ser o primeiro jornal a soltar a notícia, o que diferencia é a abordagem e as análises feitas a partir do fato, acompanhadas do trabalho com a otimização para objetivo de busca. Com o tempo, inteligências artificiais também chegaram para ajudar no processo, seja por meio de robôs de transcrição e revisores de texto.

O Letterboxd não é uma única ferramenta como aquelas anteriormente citadas, e pode até ser um meio para se fazer jornalismo, assim como os blogs foram

há dez anos. Não dá para colocar ele como instrumento que tenha revolucionado a maneira como o compreendemos e desenvolvemos a crítica de cinema nos dias de hoje, mas os créditos valem por ter facilitado em muito a vida do jornalista moderno. Adeptos ou não, as mil e umas ferramentas inclusas no aplicativo ajudam no controle de filmes vistos, na criação de listas que podem virar um texto mais encorpado sobre indicações de películas de diversos gêneros ou as mais premiadas.

Como veículo, ele possui seu próprio corpo editorial que coordena e constrói o Journal, a revista de cinema do aplicativo. Mas na sua essência, são os usuários que ficam responsáveis pelos conteúdos críticos criados lá dentro. Só que, por não existir controle aparente da criação intelectual daquele material, opiniões e críticas são escritas e lidas sem filtro. Rubens diz que o principal problema da plataforma é não conseguir controlar editorialmente essa parcela de produções, que seria impossível nos moldes de uma comunidade online, mas que talvez fosse interessante para separar o hobby do profissionalismo e delimitar públicos, linguagens e opiniões.

Às vezes, o efeito que uma review engraçadinha pode ter sobre sua visão do filme pode mudar a concepção sobre ele. Filmes como “Atração Mortal” (Michael Lehmann, 1988) e “Um Lobisomem Americano em Londres” (John Landis, 1981), anteriormente considerados besteiro e sem grande relevância para o cinema intelectual, agora são considerados clássicos cult, depois de terem sido transformados aos olhos da audiência.

Uma opinião polêmica, que vai contra o entendimento da maioria e que traz novas perspectivas para a análise de um filme pode ter esse efeito. E isso pode até subir um pouco o conceito e recepção do público, ou o contrário. Na plataforma, algumas pessoas podem ir com opiniões já enviesadas, já que é normal que os veículos soltem as primeiras impressões em notinhas que contêm a qualidade do filme expressa em uma nota, que por lá varia de 0 a 5.

A coisa também muda quando alguma celebridade escreve ou adiciona algum filme no seu próprio perfil. Em entrevistas em red carpets, por exemplo, quando algum famoso comenta sobre seus quatro filmes favoritos, nos moldes do formato já consolidado pelo Letterboxd, e os longas voltam a ganhar popularidade, ou são comentados e revistos. Fora que pode ser considerada uma ferramenta para a publicidade, usados por críticos que podem alterar

a forma de se enxergar uma obra, assim como os influenciadores digitais possuem voz para (obviamente) influenciar inconscientemente os seguidores sobre quais produtos de “skincare” comprar, ou quais marcas você deveria preferir a outras.

Por isso, ele poderia ser utilizado também como ferramenta de captação de audiência, impacto de uma campanha de marketing para um filme, análises de métricas dos filmes. O catálogo disponibilizado por lá faz com que o aplicativo seja referência na pesquisa de longas e curtas, e outros produtos audiovisuais, além de documentar textos e estatísticas de cada perfil inserido no aplicativo.

O Letterboxd tem a dinâmica de uma rede social como qualquer outra, portanto, vozes individuais atuam naquele espaço que se tornam grupos em defesa de algum filme, atriz, ator ou diretor. Não chega a ser um efeito manada, mas você pode encontrar ideias semelhantes às suas, passar a se identificar com opiniões de certos críticos e se tornar fã da escrita deles. Os likes em “reviews”, por exemplo, conforme o uso da ferramenta, elas vão personalizando o algoritmo para te entregar conteúdos mais próximos dos que você já curtiu previamente, e o mesmo acontece para as reviews dos filmes.

A não ser as redes que possuem um posicionamento claro, como no caso do Twitter, que sabidamente entrega conteúdos que mais se alinham aos posicionamentos do dono da rede social, a rede cinéfila aparenta possuir um discurso mais “imparcial”. Obviamente, não há controle da liberdade de expressão por lá, mas a plataforma impede a criação de uma conta sem que o cinéfilo esteja ciente dos termos de uso, que no cotidiano são apenas práticas da boa vizinhança implementadas. Elas vão desde a proibição de conteúdos maliciosos, até a ciência da responsabilidade e da remoção de conteúdos nocivos.

Essa também é a área direcionada para as questões de plágio e proteção de dados. “Você não deve publicar informações que violem qualquer obrigação de confidencialidade, direitos autorais ou outros direitos de propriedade intelectual”. De certa forma, já garante um pouco mais de segurança aos escritores da plataforma, que nem sequer possuem garantias de que serão remunerados pelo trabalho feito. Perfis não oficiais, organizados por terceiros, do crítico e professor de cinema Paulo Emílio, João Bénard da Costa, Pauline Kael e até Júlio Bressane ganharam perfis dedicados à postagens das críticas por eles na íntegra.

"Na prática é muito mais difícil garantir a vigência dessa proteção. Não quero dizer que eles não têm direito, mas os textos são facilmente reproduzíveis, e o grau de proteção acaba sendo limitado."

Daniel Eustachio

O advogado de direitos autorais Daniel Eustachio também complementa dizendo que, em um possível processo, a responsabilidade legal por assegurar que os direitos sejam contemplados pode envolver a plataforma em si, ou mesmo o autor do plágio.

Esse é o cenário que o jornalismo encontra terreno para se desenvolver e se transformar. Em constante mudança, a crítica tende a acompanhar a cultura de massas, junto à arte do cinema e de comunicar. O Letterboxd cria a ponte entre o crítico e a comunidade cinéfila, e compreendendo isso, ele pode ser uma ferramenta potente para manter a análise fílmica em compasso com as demandas dos novos consumidores do mundo cinéfilo. Não é como se ele fosse abalar as estruturas da crítica clássica, extinguindo o formato do texto, mas se inseriu de forma tímida e acabou compreendendo uma nova forma de análise fílmica.

perfil crítico

cinema com crítica — Marcio Sallem

O ano de 2002 marcou a estreia do primeiro filme do Homem-Aranha nos cinemas. Com a trilha sonora contendo uma música da banda The Strokes, o longa deu início à febre dos filmes de super-heróis que marcaram os anos 2010 e 2020, com Tobey Maguire dando vida à primeira versão do herói, e Sam Raimi na direção. A trama adaptada dos quadrinhos conta as vivências de um jovem que passa a ter que conviver com poderes sobre-humanos e o ensino médio logo após ser picado por uma aranha geneticamente modificada.

A história do garoto nova iorquino chegou aos cinemas brasileiros em 17 de maio do mesmo ano, data que também marca o rumo que Marcio Sallem (Cinema com Crítica) tomou ao decidir escrever sobre cinema. A época tinha como fundo sonoro o rock indie de garagem, calças de cintura baixa e cybershots se faziam presentes em quase todas as festas, e as celebridades ainda estampam as principais capas de revista físicas do mundo, temas que se popularizaram com as discussões levantadas em blogs, lugar na internet que inaugurou muitas das páginas de críticas de cinema, que antes eram feitas em veículos ditos “tradicionais”.

A forma como se consumia conteúdos passou a mudar com a era digital impondo tendências mais efêmeras e com pouco espaço para o analógico. Fóruns online funcionavam como espaços para a debates entre pessoas com interesses em comum, redes sociais aproximaram perfis por meio de algoritmos. Foi nesse contexto que os blogs surgiram, e mesmo se era bem aceito entre a comunidade de críticos ou não, as produções audiovisuais seguiam sendo lançadas ano a ano, e o público queria falar sobre elas, o que alimentava os servidores na web. É quase que natural, do senso de comunidade da própria forma como as salas de cinema são projetadas e o impacto que os filmes possuem sobre a gente, que precisemos conversar sobre o que foi testemunhado.

A urgência de diálogo, inerente à nossa humanidade, não foi a motivação principal para a criação de uma

crítica especializada em cinema, muito menos define a autoridade crítica. Mas Marcio sempre teve a urgência de falar sobre filmes. Para ele, existe até um certo ritual que faz parte da experiência de assistir um filme, e a discussão é parte importante, assim como para alguns é impossível se concentrar num longa sem um balde de pipoca.

De São Luiz do Maranhão, foi por lá que o crítico começou a trajetória com o audiovisual. Frequentador de cinemas de rua e de videolocadoras, aos 19 anos decidiu que iria começar a escrever para um cinema na cidade, mesmo que fosse de graça por algum tempo: “Tem alguém aí para escrever no site do cinema?”, e assim começou. “Eu tinha sempre o hábito de ir ao cinema, seja assistir em casa, né? alugando fita cassete para assistir com meus irmãos, ou ir aos cinemas da minha cidade aos finais de semana.” Junto com o site que não existe mais, a página pessoal no facebook veiculou algumas das críticas. No começo da era das redes sociais foi importante se fazer presente, principalmente para expandir os horizontes dentro da crítica profissional, ainda compreendida como hobby.

Levou tempo e confiança, mas aos poucos ele pode definir o melhor estilo para expressar suas opiniões sobre a sétima arte, e foi tomando destaque no nicho cinéfilo. Então, em fevereiro de 2010, surge o Cinema com Crítica, o primeiro blog em que Marcio esteve à frente, mesmo com muitas ressalvas, muitos “poxa, o que as pessoas vão pensar de mim?”, que envolviam a qualidade do material veiculado na web e o estigma que existia no exercício de escrever online.

Aquela época, ainda existia um certo tabu em expressar suas opiniões online. Curiosamente ou não, o primeiro texto foi publicado na primeira semana de fevereiro, e o filme escolhido foi “Che, o Argentino” (2008), de Steven Soderbergh, que remonta os diários de revolução do médico Ernesto Guevara, e chegou aos cinemas brasileiros quase dois anos antes da empreitada de Marcio.

- *Jamais visto como um herói, Che participa de cenas de execução e Soderbergh não se exime de chamá-lo de “Assassino”. Todo este apuro culmina na antológica tomada de Santa Clara, encerrando com chave de ouro esta primeira parte do épico com um belo e sutil gancho para a continuação.*

Che — O Argentino

Por um “golpe de sorte”, um convite da *Online Filme Critics Society (Ofcs)*, a organização autointitulada pio-

neira entre as entidades de críticos de filmes, em 2012, fez com que a necessidade de falar sobre cinema deixasse de ser apenas um hobby para se profissionalizar. A Ofcs foi fundada em 1997 pelo crítico Harvey S. Karten, e já teve entre os membros do comitê os brasileiros João Flores e Pablo Villaça. Em 2001, a partir de uma parceria com a plataforma de reviews Rotten Tomatoes, os críticos passaram a colaborar também com o portal que funciona como uma página de serviços aos cinéfilos e curiosos de cinema.

Como no Letterboxd, por lá, os espectadores podem conferir opiniões de críticos, gostos do público e estreias no cinema. No ano seguinte, Marcio foi aceito na Associação Brasileira de Críticos, a Abraccine: “Aí eu comecei a achar que a coisa era um pouquinho mais séria. Não era apenas um blog que eu estava escrevendo sobre filme, mas era algo que tinha alguma relevância”.

Do anonimato dentro da crítica para as grandes associações, ele entendeu que a internet seria um bom local para falar sobre as experiências que viveu com as telonas. Antes de se profissionalizar e sem pretensão de se tornar profissional, Marcio havia criado um blog apenas para servir como um espaço para falar sobre sua relação com filmes. A paixão pela sétima arte era o combustível, o que deixava os textos muito mais emocionais que cerebrais, sendo que a maioria deles existia porque havia a necessidade de conversa.

“Com o tempo, aprendi que existe mais a ser aprendido no cinema a partir da opinião de pessoas que tiveram relações emocionais, interpretações ou percepções diferentes da minha.”

Nada mais lógico, então, do que batizar o primeiro blog de “clube”. Um tempo depois, ele entendeu que isso poderia se estender para além da paixão, pensando na profissionalização dos textos, e assim nasceu o Cinema com Crítica, site criado em fevereiro de 2010, mesmo ano em que “Zumbilândia” (Ruben Fleischer, 2010) e “Lula, o Filho do Brasil” (Fábio Barreto, Marcelo Santiago, 2010) estrearam nos cinemas brasileiros.

Focado principalmente em criticar longas, atualmente o portal também conta com mais dois colaboradores: Thiago Beranger e Álvaro Goulart. Para engajar o público de cinema e cultura, são realizadas entrevistas com elencos de filmes estreantes, cobertura de festivais e resenhas críticas de shows musicais. Seguindo os modelos dos novos portais de cinema, além de site, o Cinema com Crítica também conta

com um Youtube, Letterboxd, Instagram e Twitter. No todo, é Marcio quem pensa, roteiriza e administra os conteúdos veiculados nas páginas.

Desde o início da sua história com a crítica, lá pelo começo dos anos 2000, já era preciso pensar estratégias para ganhar autoridade entre os blogueiros de cinema. Até hoje, a rotina que ele leva é moldada a partir das entregas que precisa fazer na web, que variam desde roteiros para vídeo-resenhas no youtube e no feed do Instagram, textos longos para o substack, resenhas encapsuladas para o Letterboxd e a vida como professor de cinema e jornalista.

Para a sorte dele, nunca teve que depender exclusivamente do trabalho de crítico para viver. Um emprego com carga horária fixa e de carteira assinada, que chegou depois de passar por todos os protocolos de um concurso público, deu a estabilidade que ele precisava desde o início da carreira, o que permitiu testar novos formatos para as redes sociais e focar nos textos que realmente gostaria de escrever.

Nessa trajetória, ele passou por uma espécie de “bloqueio” em 2015 que o fez questionar a capacidade de voltar a criticar. As dúvidas sobre qualidade da escrita, inseguranças para sustentar um hobby comum e muito competitivo para se manter como um crítico profissional e relevante. No fundo, escrever não é a mesma coisa que falar sobre cinema e ter diálogos e conversas sobre um filme.

“O trabalho da crítica é de altos e baixos. Tem momentos em que você está muito empolgado, criativo e inspirado, e tem momentos que você simplesmente olha para tudo e diz: o que eu tô fazendo aqui? Ninguém lê isso, porque é que eu estou escrevendo?”

Foi nesse meio tempo que surgiu a ideia de focar especialmente nas redes sociais, que depois passaram a ser item imprescindível na rotina do blog. Sem ainda não saber da possibilidade de documentar os filmes que via por meio dos diários do Letterboxd, ele passou a conversar com os seguidores do Instagram e Facebook sobre os filmes que via. E isso virou um hábito de até hoje.

Às vezes é difícil encontrar tempo para entrevistas e cabines, impactando no volume dos conteúdos, o que é quase sinônimo de pouca qualidade no entendimento dos algoritmos. No dia a dia, o trabalho de Marcio dá prioridade à quantidade com qualidades, já que, pela lógica dos algoritmos, as tendências ditam o que é relevante e moldam

a forma como ele escolhe criticar os filmes, também a rotina. Quanto mais vídeos dentro dessas tendências, mais entrega no feed dos consumidores, convertida em visualizações, seguidores e relevância.

O cronograma é o seguinte: segunda-feira e quinta-feira são dias de aula, terça e sexta, gravação de vídeo para Instagram. Quarta, gravação de vídeo para o Youtube. Para cada um dos dias, é preciso variar no tom do texto do Nesse esquema, ele já conquistou quase 300 mil seguidores no Instagram, quase 900 mil likes no Tiktok e 5 mil inscritos no canal do YouTube. As métricas funcionam como os acessos dos sites, e influenciam na entrega dos conteúdos para o nicho, que às vezes nem chega a visualizar as críticas.

O sentimento é dubio. Principalmente com o Instagram, que para ele transita entre um mix de gratidão por ter colocado o Cinema com Crítica em evidência, e por ser uma das plataformas que mais o consome, seja pelo tempo da rotina, roteirização e edição. O agravante é que os conteúdos quase nunca ganham alguma monetização e o retorno vem em visualizações e seguidores, o que retroalimenta o ecossistema dentro do aplicativo:

"De pensar que, pô, hoje eu vou sentar, vou gravar três vídeos de cada um de 15 minutos, 20 minutos, então eu vou ficar uma hora gravando o vídeo, depois vou passar tanto tempo editando. Tudo isso desgasta. Então, é uma relação ambígua, é uma relação contraditória. Eu não quero chegar a esse ponto, mas é quase um relacionamento abusivo que existe com Instagram. Não sei quem abusa mais de quem, mas eu sinto que eu sou a parte abusada na na equação."

O Letterboxd surge nesse cenário, mas com uma estratégia para a aproximar a conversar mais diretamente com o público que ele já possui, por meio das reviews e das listas. Fora isso, ele ainda prepara as aulas do curso de cinema online, e vive o CLT nas horas vagas. A produção dos conteúdos críticos sofre com altos e baixos, principalmente porque o processo de escrita não é linear e às vezes o esgotamento é inevitável. Não é preciso apenas o entendimento e análise crítica e fílmica, também é necessário o conhecimento do funcionamento das redes, e isso acaba desgastando ainda mais o processo criativo da escrita para o crítico. Marcio compreende que o trabalho nas redes sociais acaba sendo um trabalho interconectado, em que é preciso

se fazer presente em todos os lugares ao mesmo tempo para ter sua voz ouvida.

Um parágrafo e algumas estrelinhas bastam para ele passar a mensagem que quer dentro do aplicativo cinéfilo. O que faz mais sucesso por lá é a mensagem pontual, que traz um olhar singular do crítico sobre uma película, e comentários ácidos ou perspicazes, que estão entre as reviews mais curtidas do perfil do maranhense. Com esse formato, ele aproveita também para adicionar um link externo direcionado ao conteúdo crítico na íntegra, apesar de ter ressalvas sobre a eficácia do endereço eletrônico. Ele não enxerga um aumento do número de leitores do blog que conhecem o trabalho crítico por meio de links dentro de avaliações no Letterboxd, mas entende que consegue manter uma comunidade fiel e que quase sempre vai engajar com as postagens.

E assim é a comunidade: cinéfilos se mantêm no letterboxd para ter um “passe” comunitário sobre a sétima arte, com a intenção de pluralizar os diálogos sobre cinema. Se antes existia a concepção de que a crítica deveria ser “séria”, cunhada por um juízo de valor sobre quem tem autoridade para escrever, o site provou que é possível estabelecer diálogos entre diferentes opiniões, mesmo que não sejam validadas aos olhos da crítica especializada. Basicamente um canal de um só receptor agora passou a ter um correspondente, e foi na troca que os conteúdos críticos puderam se aprimorar.

“Eu acho que sempre existiu uma necessidade de conversar sobre cinema, e quanto mais facilitada for essa essa conversa, melhor. Quase sempre a conversa com um crítico é vertical: ele elogiava ou xingava em uma crítica, mas normalmente você não tinha retorno. Agora, você é capaz de dialogar horizontalmente, com pessoas de fora da crítica. Isso cria diálogo e conexão.”

Como usuário, o que mais chama atenção são o formato e as possibilidades que o aplicativo possui. O produto em si é muito bem vendido em outras redes sociais, seja por meio de postagens do próprio Letterboxd na cobertura de tapetes vermelhos, festivais e estreias, memes, conteúdos editoriais dentro do próprio site, o que consolida a marca. Ainda que um entusiasta do aplicativo, para ele foi necessário se fazer presente nesse meio, como uma porção do sistema compreendida como crítica de cinema nas redes sociais.

- *Não é só uma rom-com/dramédia nível Hallmark, ou qualquer outra coisa, mas uma defesa enfática de que é de bom tom uma mãe se meter na vida de sua filha adulta, e que sua atitude jamais vai ser questionada cinematograficamente porque está morta e distante de qualquer julgamento que possamos fazer. Um filme que esconde a sua insensibilidade emocional atrás de fórmula, que transforma a gamificação em uma tortura emocional na qual a protagonista deve desbravar os itens de uma lista que fez (aos 13 anos!) apenas para ter acesso às pílulas em formato DVD que a mãe deixou de herança para ela. Um filme peçonhento como uma medusa.*
Sallem sobre “[The Life List](#)” (Adam Brooks, 2025)

Assim como o Letterboxd passou por uma transformação na época da pandemia, o Cinema com Crítica precisou se reinventar. Partindo de um desejo antigo de lecionar sobre a sétima arte, em 2020, Marcio criou o Clube do Crítico, um cineclube online que se expandiu para um curso sobre cinema. Com a missão de reunir virtualmente os cinéfilos espalhados pelo Brasil, o clube se iniciou com alguns pequenos debates sobre filmes, a simbologia por trás de cada um deles, as linguagens e a história.

Depois, com o desejo de dividir os conhecimentos acumulados através dos 11 anos atuando como crítico de cinema, em junho foi lançada a primeira edição do curso, que contou inicialmente com 54 filmes, a partir de uma curadoria pensada em expandir o olhar cinematográfico dos alunos de maneira didática. Pensado para ser separado em três módulos: Cinema nacional e internacional, cinema clássico e contemporâneo e cinema representativo (em frente e atrás das câmeras).

Com um filme por semana, as aulas transitam entre clássicos do cinema, como “O Piano” (Jane Campion, 1993) e “Garota Infernal” (Karyn Kusama, 2009), peças compreendidas dentro de uma lógica histórica desenvolvida pelo curso. O investimento é de R\$269,97, com a possibilidade de meia para alunos da rede pública e cinéfilos de baixa renda, o que ajuda a manter o Cinema com Crítica funcionando até hoje. As vagas são limitadas a 95 participantes, em que cada um deles recebe uma apostila para cada semana do curso, além do acesso a vídeos gravados das aulas e 90 dias gratuitos do streaming da Mubi.

O blog também já monetizou com parcerias pagas em mídia dentro da própria página no site, e com pu-

blicidades em posts e vídeos, prática comum entre influencers. Quando passou a ter uma audiência um pouco maior, a monetização veio através de marcas interessadas em se associar com o conteúdo, coisa que Marcio não faz mais. A grana fazia parte de um sistema muito pouco eficiente para quem só queria espaço para conversar sobre filmes, que envolvia a pressão pela boa performance dos números nas redes sociais (afinal, é um conteúdo pago). Ele até poderia viver apenas do cinema, mas a instabilidade não vale a pena.

"Isso mudaria toda a minha rotina de vida atualmente. Tive sorte dentro do universo crítico, que é muito castigante. Não é fácil porque é uma atividade que vive à sombra da arte. E se arte já é difícil por si só como um mecanismo de sustento, quem dirá a crítica."

A sorte de não precisar depender apenas da crítica mantém o sonho vivo. Ao mesmo tempo, o algoritmo é injusto e vai priorizar conteúdos publicitários sobre os conteúdos editoriais. O fato de existir também a tendência de mais pessoas estarem na internet para assistirem vídeos do que lerem os textos também é desanimadora, porque força o crítico a mudar a forma como ele se expressa "naturalmente", além das cobranças entrelinhas que fazem parte do processo crítico contemporâneo, que envolve multiplataformas, diversidades de discursos e possibilidades de formatos, seja texto, vídeo, newsletter, etc.

Em meio à essa transformação cotidiana da crítica de cinema, na concepção dele, existem mais pessoas consumindo o gênero do que antes. Se antes, ela tinha certas características por estar vinculada a um jornal, em que funcionava mais como um guia de consumo do que análise, isso (e muito mais) existe hoje. A diversidade de formas que a análise fílmica pode existir atualmente acaba impactando também na pluralidade de perfis que passam a acompanhar o cinema e, para ele, o maior problema será separar conteúdos de cinema das críticas propriamente ditas.

Toda "era" dentro da crítica marca uma nova adaptação que os escritores de cinema experienciaram. Para o Cinema com Crítica, especialmente Marcio, ela se transformou na maneira como ele compreendia o trabalho crítico, as plataformas, os alcances que possuía e a rotina, mas na essência o papel da crítica não muda: ser voz para diálogos sobre cinema.

Acho que a crítica vai sempre mudar, mas sem mudanças substanciais. As pessoas procuram um guia de consumo, explicações... E isso sempre vai existir na crítica.

feito por Elas - Isabel Wittmann

“Bom, acho que eu vou fazer arquitetura, porque eu vou ter bastante contato com esse tipo de discussão”. Aos 17, Isabel ainda não tinha certeza do que seria quando crescesse, só que gostava de arte e mantinha um diário para todos os filmes que via. Fazia parte de um ritual: ia ao cinema, guardava o ingresso até em casa, abria o caderninho e escrevia intuitivamente sobre o que tinha acabado de ver. Ela chegou a fazer isso com “Titanic” (James Cameron, 1997), estrelado por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet, e também com “Milk” (2008), de Gus Van Sant, que rendeu o Oscar de melhor ator para Sean Penn e o primeiro texto profissionalmente escrito pela crítica.

Agora, a catarinense escreve críticas e produz conteúdos de cinema que envolvem temas feministas e LGBTQIAPN+, variando no formato em texto ou podcast, e vídeo entrevistas. A escassez de conteúdos e o interesse pelos assuntos se transformaram em uma pesquisa. Quase como uma coincidência feliz, à época Isabel defendia um doutorado em antropologia, voltado para gênero e sexualidade, próximo ao que seria tema da sua primeira produção crítica ocorreu depois do sucesso do longa, que narra a história de Harvey Milk, um ativista LGBT dos anos 1970s, em um Estados Unidos vivendo um cenário preconceituoso próximo ao que vivemos nos dias de hoje.

- *Milk é um filme impressionante. Não é um blockbuster, não tem história conhecida a ser contada. Mas ele se sustenta, surpreende e por fim, cativa. [...] A reconstrução dos acontecimentos da época, o figurino e mesmo inserção de filmagens reais ou envelhecimento de filmagens feitas para o filme, tudo isso compõe um conjunto harmônico. Ele se infiltra em várias questões do panorama político da época, sem com isso, ficar chato. Além disso, mostra como Milk, como ninguém, conseguiu unir interesses (gays, idosos, mu-*

lheres...) e colocá-los a seu favor, além de perceber como os homossexuais, organizados, poderiam ter representatividade tanto como consumidores quanto como cidadãos. Mas no final das contas acho que o que mais me fez gostar do filme, é que se trata de uma mensagem de esperança.

Apaixonada pela escrita, Isabel decidiu que faria arquitetura logo depois de sair do Ensino Médio. Apesar das aulas de cálculo estrutural e vigas metálicas, a arte permeou o curso e deu a ela a oportunidade da formação artística mais completa, e a palavra nunca foi deixada de lado com as crônicas e poemas que ela escrevia. Tudo começou a ficar mais sério quando ela criou o seu primeiro blog, o Estante da Sala, que ainda é possível visitar e ler os primeiros textos feitos, em que ela atualizava sobre assuntos cotidianos e conteúdos diversos que ia consumindo. Naturalmente, os interesses convergiram para que a antropologia encontrasse o cinema, especialmente porque foi pensado na época em que Isabel tinha vida acadêmica mais ativa, cursando doutorado em antropologia na USP.

As tendências artísticas estavam presentes desde muito nova, com influência da avó que costurava e bordava. Em brincadeiras com o irmão, Isabel também apurou o senso estilístico e era capaz de diferenciar em que época o filme se passava pelo figurino escolhido para o filme. Em suas resenhas, ela não deixa de lado essas influências e ainda acrescenta o olhar arquiteta para as análises mais aprofundadas dos ambientes que assiste e analisa. Das idas ao cinema, ou mesmo as sessões em casa e as aulas de costura da avó que moldaram o gosto pela moda, ela foi nutrindo o desejo de escrita junto à paixão pela sétima arte.

"Meu irmão me pedia para adivinhar em que ano o filme foi feito e em que época ele se passava. Depois, a gente conferia na revistinha da TV a cabo para ver se tínhamos acertado."

- *As dinâmicas familiares são expressas com muito afeto e muito caos e se trabalha de maneira emocionante a ausência de um personagem até então central. A casa é um ambiente solar, repleto de brinquedos, de espaços que expressam uma vida que acontece ali mas também de registros de uma memória. A diretora de arte Kave Quinn se esmerou em construir um ambiente*

crível e condizente com a trajetória daquelas pessoas.
Bridget Jones: Louca Pelo Garoto (2025)

- *O Brutalismo, que dá nome ao filme, é um movimento arquitetônico que faz parte do Modernismo e é associado a utopias socialistas. As obras são despidas de elementos decorativos, a forma (geralmente escultural, mas simples) segue a função. A luz tem enorme papel. O nome vem do termo *beton brut*, em francês, que seria o concreto cru, aparente, usado para os fechamentos. Trazendo a verdade dos materiais, eles são usados sem os subterfúgios dos acabamentos. Assim, se uma parede é construída em concreto, faz-se a forma de madeira, coloca-se a armação de ferro que dá sustentação e concretiza-se. Quando se retira a forma, a poesia está nas marcas de pregos e dos veios da madeira impressos no material, que assim permanece, sem reboco, sem tinta. A utopia é deixada de lado no filme e a arquitetura é secundária.*
O Brutalista (2024)

Em 2009, ela criou o Estante da Sala. Sem pretensão de tornar o blog rendável, ali é um espaço com propósito de dividir opiniões, indicações e pensamentos sobre filmes, livros e videogames, algo bem próximo dos costumes de infância e adolescência dela. Sem uma produção recorrente, com alguns períodos em hiato, por lá ela mantém a escrita livre e deixa um pouco de lado uma linha editorial clara, mas já direciona os enfoques para cinema de gênero, figurino e arte, e sem os comentários de cotidiano, que estavam presentes nos diários.

Por exemplo, a lista de melhores do ano vem com um disclaimer: “também conhecido como “os filmes que eu mais gostei de ver”. Além de “Milk - A Voz da Igualdade” (2008), o primeiro mês no blog teve a crítica de “Across the Universe” (Julie Taymor, 2007), a primeira crítica feita por ela de uma produção feminina.

- *Os figurinos são competentes e as coreografias, nas partes em que existem, são muito bem feitas. Todo o visual é apurado e as músicas se encaixam na história perfeitamente, não sendo um mero adorno ao roteiro. [...] Mas fora esses dois detalhes, o filme manteve o ritmo e se mostrou muito bom. Se o espectador não conhece as músicas dos Beatles, pode ficar um pouco*

desconfortável. E se for Beatlemaníaco, vai amar sem ressalvas. É uma belíssima homenagem ao quarteto de Liverpool. Sir Paul McCartney assistiu o filme em sessão fechada e aprovou. Quem sou eu pra discordar dele?
Across the Universe (2007)

Isabel explorou mais profundamente a análise de figurinos e direção de arte em uma coluna no Cinema em Cena, portal que também teve início como blog por Pablo Villaça. Foi lá que também passou a receber por textos publicados. O contato com a crítica profissional, se é que é possível dimensionar dessa forma pelo valor que se recebe, surgiu da união entre a escolha da faculdade de arquitetura, a antropologia e o cinema.

Membra da Abraccine, das Elviras - Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema e votante no Globo de Ouro, Isabel já fez carreira na web em um momento em que o formato de crítica de cinema já estava mais ou menos consolidado nos blogs. Foi importante pensar em um diferencial do conteúdo, principalmente por ser uma mulher no cenário de crítica, o que por si só impõe limites para aspirantes a críticas e escritoras já conhecidas.

"Eu já tinha uma vivência enquanto mulher feminista. Então, a minha crítica de cinema é muito permeada por essas questões de gênero e a minha prática dentro da antropologia é voltada para o cinema."

Foi assim que surgiu a ideia de montar um podcast. Versátil nos assuntos e podendo ser veiculado no YouTube e no Spotify, e com a praticidade de ser um conteúdo em áudio que pode ser ancorado em outros reprodutores de mídia, ele foi uma solução para as entrevistas feitas com diretoras, debates e análises mais profundas sobre coletâneas cinematográficas.

O Feito por Elas nasceu pouco tempo depois, mais precisamente em 2016, num projeto inspirado pela hashtag #52FilmsByWomen, criado pela Women in Film, ONG de Los Angeles criada em 1973, que luta pelo reconhecimento e espaço feminino na indústria cinematográfica. O desafio foi criado com a intenção de encorajar pessoas a verem e engajarem em ao menos 52 produções cinematográficas femininas, em um período de um ano, e comentar sobre eles nas redes sociais.

Há quase dez anos ininterruptos, desde 2015, Isabel cria listas no Letterboxd com os filmes inéditos vistos

por ela, e discute sobre eles no blog. Além de compreender melhor o cinema feito por diretoras, também foi perceptível a diferença de tratamento na promoção de filmes feitos por elas.

Em 29 de julho de 2016, foi ao ar o primeiro episódio do Feito por Elas, sobre a vida e obra da cineasta polonesa Agnieszka Holland. O primeiro sucesso da diretora foi “Colheita Amarga” (1985), que já carrega os traços temáticos sobre a Segunda Guerra quase sempre presentes na sua filmografia autoral. O clássico da sessão da tarde “O Jardim Secreto” (1993), baseado no livro homônimo da escritora francesa Frances H. Brunett, e a série “The Killing” (2011 - 2014), também foram dirigidos por ela.

Em atividade até hoje, o podcast já possui 206 episódios produzidos, que variam entre entrevistas com diretoras e atrizes (Anna Muylaert e Kate Winslet), análises filmicas e de coletâneas de diretoras. Às vezes, também são abordados a forma como um certo diretor representa a figura feminina nas telas, discussões sobre sexualidade, séries e os melhores do ano. Isabel separa o tema, roteiriza, produz e edita e, com ela, Camila Henriques fica com a apresentação.

Na condução dos episódios, é bem comum que o Letterboxd seja citado. O aplicativo é fiel escudeiro nos momentos em que são citadas listas de filmes, perfis com críticas e sugestões sobre o que assistir. Também para ela, o site passou a ser item indispensável do dia a dia. Acostumada a anotar e escrever sobre os filmes que via desde pequena, o Letterboxd acabou facilitando a prática, não só servindo como um organizador, mas como um impulsionador de críticas, engajador com a comunidade cinéfila. Ativa desde 2013, muito antes do aplicativo se popularizar, Isabel mantém registro de todos os filmes que assiste.

As entradas diárias acontecem cerimonialmente todos os dias, logo após assistir um filme, e servem para registro de cada película. Em 2024, os mais de 300 filmes vistos ganharam nota e um parágrafo com observações que sintetizam a crítica veiculada no blog, ou mesmo retirada dele. Por lá, não existe limite de caracteres, mas pela lógica da rede social, foi preciso condensar os textos para facilitar a comunicação com o público. As reviews nunca possuem tamanho maior que um parágrafo, e sempre quando mudam, são comentários engraçados, curiosos ou um desabafo sobre uma determinada cena. Curiosamente, são essas que costumam ter a maior quantidade de curtidas, e foi desse jeito mesmo que ela começou a escrita. “Noah”, (Darren Aronofsky, 2014), do mesmo diretor de “Réquiem

para um Sonho” e “Cisne Negro”, foi o primeiro filme logado e o primeiro que ganhou uma resenha dentro do aplicativo: “In Aronofsky we trust.”.

Até a criação do “Feito por Elas”, ao final de cada uma das resenhas, Isabel adiciona o endereço eletrônico da crítica na íntegra, que leva para o “Estante da Sala”. Esses textos são maiores, e “O Duplo” (Richard Ayoade, 2013), é até reproduzido na íntegra. Depois de um tempo com o lançamento sempre adiado, “Nightbitch” (Marielle Heller, 2024) finalmente chegou aos cinemas brasileiros, com Amy Adams em um dos seus papéis mais esquisitos da carreira. A história, adaptada do livro de mesmo nome escrito por Rachel Yodel, narra a vida de uma mãe pós-maternidade que passa a ter sintomas caninos.

A atuação de mulher-cachorro rendeu uma indicação de melhor atriz no Globo de Ouro de 2025, a mesma premiação que Fernanda Torres levou para o Brasil, e uma entrevista que Isabel conduziu para o “Feito por Elas”. O conteúdo de entrevistas feito com atrizes e diretoras é bem recorrente no blog, mas no Letterboxd é menos comum. Para esses casos, a escritora prefere sinalizar a entrevista, disponível no site.

- *Com um espírito caótico, às vezes tentando abraçar mais do que dá conta (vez por outra ao custo de ideias um tanto quanto diluídas), Bong Joon-ho constrói uma narrativa engraçada, mas não por isso sem ser crítica, mostrando que continua incomodado com as dinâmicas opressoras do capitalismo. O elenco tem espaço para brilhar em atuações que se encaixam no tom de estranhamento levemente histriônico do filme. Com um timing certo para o contexto político internacional, o Mickey 17 mira e atinge tecnocracias descerebradas, que colocam a tecnologia acima da ética e deixam de lado as conexões humanas e o respeito aos demais seres.*
Trecho da crítica de Mickey 17 (2024) no Letterboxd.
- *Entrevistei Amy Adams, que falou do processo de adaptação do livro e da colaboração com a diretora Marielle Heller, além da sua própria relação com a maternidade.*
Divulgação da entrevista de Nightbitch (2024) no Letterboxd.

O que também dita a produção de textos é o calendário de lançamentos dos filmes. Todos os anos, o Festival de Cannes é esperado para trazer as novidades e tendências do ano dentro da indústria cinematográfica, mas não só ele, como a Comic Con tem o mesmo impacto para a comunidade geek. Esses eventos, mais diretamente as pré-estreias dos filmes têm o poder de impactar a recepção dos filmes e, consequentemente, a opinião dos futuros espectadores. Ser refém de uma calendarização de lançamentos também mina as chances de revisitar obras cultuadas, sem a chance de questionar pensamentos tidos há tempos, e reduz a crítica de cinema a um período da história do cinema muito raso.

Ao olhar para o futuro, Isabel se volta ao passado e defende a importância de um espaço para discussão de filmes mais antigos. Presente em diversas etapas da vida dela, como quando era adolescente e pesquisava sobre curiosidades do elenco e da produção dos filmes, ela entende que a crítica sempre vai encontrar formas de se voltar para o espaço de debate que pertence ao cinema, se alterando ou não.

"Eu acho que a crítica sempre foi esse lugar que permitiu a abertura ao diálogo. E a gente que gosta de cinema e se interessa por cinema, raramente, com os filmes certos, vamos estar satisfeitos apenas com ele."

Fã de Agnès Varda e da beleza do cotidiano, com "Os catadores e eu" (Agnès Varda, 2000), ela também é fã da versão cinematográfica dos "Os Sapatinhos Vermelhos" (Émeric Pressburger, Michael Powell, 1948), e do clássico moderno "Retrato de Uma Jovem em Chamas" (Celine Sciamma, 2019). Filmes que podem resumir bem a sua relação com o cinema e a escrita, dedicados à comunidade LGBT e às mulheres.

lugares da crítica

Cine Set

O que define o sucesso de um trabalho da faculdade? Seria ver a tese receber reconhecimento dos pares? Ou um projeto passar a ter um objetivo maior que a nota no final do semestre? Em Manaus, um projeto cinéfilo de um grupo de estudantes da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) deixou de ser apenas um programa na TV Universitária, e passou a tomar uma proporção maior. Tudo começou lá em 28 de dezembro de 2007, quando alunos do curso de jornalismo se uniram para colocar no ar a estreia do Set Ufam, programa que compunha a grade da TV Universitária do Amazonas.

No começo, o quadro tinha formato de bancada, com dois ou mais apresentadores distribuindo suas opiniões sobre a sétima arte. Em cenários que variavam entre o sofá da sala de um dos apresentadores, externas na faculdade ou à mesa, eles discutiam sobre novos lançamentos, faziam críticas em vídeo de filmes e séries em quadros variados. Presente desde o início do projeto, Caio Pimenta, o atual editor-chefe do Cine Set, conta que o blog teve início um tempo depois. Em uma parceria com outros colegas de jornalismo, eles pensaram em formas de expandir os conteúdos, que fossem além do canal universitário, porque existia o interesse em escrever críticas de cinema com enfoque em Manaus.

Aos poucos o programa de TV foi migrando para a editoria de cultura do Diário do Amazonas, um periódico fundado em 1985 mas que agora conta com a versão da web D24AM. O portal é um site alternativo de hardnews, em relação aos mais populares no Brasil, e tem caráter completamente regional, apesar de também abordar temas notícias fora do eixo Norte. É dividido em editorias tradicionais, como política, economia, esportes, mundo, Brasil, artigos (colunas), e Amazonas.

A seção específica de cinema no portal segue viva até hoje, na editoria “plus” (ou entretenimento), mas sem a colaboração da equipe, que ficava responsável pelas críticas e notícias da sétima arte. Na época, o CineSet

produzia as notinhas de cinema, com as estreias, novidades nos streamings e atualizações sobre a indústria cinematográfica. Tudo de entretenimento, fofocas hollywoodianas, o burburinho das premiações, falecimentos de cineastas, atores e atrizes, abertura de editais para diretores amadores, era noticiado por eles. Além, é claro, das críticas de cinema, um pouco tímidas por lá, mas que agora são carro chefe no blog oficial.

“Poxa, acho que está na hora de ter uma casa própria, né?”. Quase dois anos e meio em parceria com o portal diário, o Cine Set ganhou um endereço próprio na web. Composto por Caio Pimenta, o editor-chefe. Os críticos Suzy Freitas, Camila Henriques, Danilo Areosa, Pâmela Eurídice, Rebeca Almeida, e Ivanildo Pereira. E Lucas Pistilli como correspondente internacional do portal, essa é a equipe que faz o blog funcionar como o maior portal de cinema da região Norte do País. Eles se dividem entre a escrita de editoriais fixas: “Advogado de Defesa”, “Cinema Para Ler”, “Classic Movies”, “Críticas AM”, “O Filme da Minha Vida” e “Artigos e Reportagens”. fora aquelas que tratam o cinema com mais tecnicidade: “Filmografia”, “Oscar”, “O Segundo Sexo”, “Passo a Passo do Cinema”, “Soundtrack” e “Filme e Prosa”. As séries não são deixadas de lado com a categoria separada para críticas e análises do formato.

Ainda sem estrutura para competir com grandes portais de cinema, fosse a gringa Variety ou IndieWare, a estratégia inicial foi que os conteúdos estivessem focados nas críticas de cinema. Nos portais “tradicionais”, as pautas de serviço são mais consumidas porque trazem furos inéditos que acabam atropelando as mesmas notinhas soltadas por pequenos portais, pela lógica que os algoritmos possuem nas redes sociais e na distribuição de textos nos navegadores. O diferencial do Cine Set se concentra então com a qualidade da entrega das análises fílmicas, as coberturas de festivais de cinema, entrevistas exclusivas e enfoques na produção cinematográfica do Amazonas.

A primeira produção não fugiu dessas características, principalmente porque foi postada antes mesmo do portal ter um endereço próprio. Em 2011, Diego Bauer criticou “Coração Louco” (Scott Cooper, 2009), que marca a estreia do diretor a frente de um longa, e rendeu um Oscar e um Globo de Ouro de melhor ator para o veterano Jeff Bridges (“The Big Lebowski”). Os longas criticados ainda recebiam notas de zero a dez, ao invés das convencionais cinco estrelinhas, e a película em questão foi avaliada como um 7,5. Também era disponibilizado o texto em áudio, para facilitar

na audiodescrição. Ali era espaço para se falar de cinema, da maneira como se quisesse falar sobre cinema.

- *Como se pode ver, a história não traz nada de novo. Portanto a grandiosidade ou não deste filme, dependeria de suas interpretações, principalmente a de seu protagonista. E eles cumprem bem o seu papel. Bridges se entrega totalmente ao personagem, e consegue mostrar todo o vazio que Blake tem em si, seja na forma como ele conduz a sua “carreira”, ou como ele vê no álcool uma maneira de tentar esquecer o momento ruim que está vivendo.*

Bauer sobre “Coração Louco”

O cinema amazonense entra em destaque entre as últimas do site, que alternam entre reportagens. As reportagens especiais remontam a história do audiovisual do Estado, em matérias em formato de vídeos no YouTube e podcasts, com foco em personalidades como Silvino Santos, o cara que pode ser considerado o precursor da película no Norte do Brasil. Em “No Paiz das Amazonas” (Silvino Santos, 1922), ele documenta com olhar expedicionário a sociedade, os costumes e a vida na metrópole da mata. Entre outras obras do diretor que foram discutidas estão “No Rastro do Eldorado” (Silvino Santos, 1925) e o documentário perdido “Amazonas, O Maior Rio do Mundo”. Como ele, Joaquim Marinho dedicou a vida à cultura, e foi o principal agitador cultural da história de Manaus, e Márcio Souza, Cosme Alves Netto e Selda Vale foram partes importantes da preservação da sétima arte nortista. A editoria “Olhar do Norte” também é uma das escritas exclusivamente para contemplar análises e debates sobre a produção cinematográfica por lá.

A cobertura do Amazonas Film Festival, que teve a última edição em 2013, foi uma das investidas do time editorial em propor um novo conteúdo, mas com a intenção de expandir o formato para novos festivais. Realizado no Teatro Amazonas, o evento teve início lá em 2001, e concentrou produções feitas no Norte e/ou sobre o Norte. Aos poucos, ele foi ganhando notoriedade, exibindo filmes como “Xingu” (Cao Hamburger, 2011) em primeira mão, além de revelar jovens cineastas, roteiristas e elencos, e se tornou um dos principais no ciclo de festivais brasileiros. Logo depois do cancelamento da 11ª edição do festival por motivos de falta de verba e Copa do Mundo no Brasil, Caio Pimenta escreveu um artigo elencando os pontos positivos das dez últimas

edições, depois de ter criticado a escolha dos organizadores do ano anterior por extinguirem o tapete vermelho. Acabou que sobrou para o festival todo, que até hoje não tem data prevista para retornar.

- *O evento era onde se tinha um panorama do caminho trilhado pelos realizadores da região, onde podiam discutir entre si e debater com gente de fora experiências enriquecedoras sobre a sétima arte. Por isso, a não realização do evento em 2014 é um grande golpe em todo esse legado.*

Amazonas Film Festival 2014: alguém viu por aí?

A importância do evento para a região rendeu alguns episódios de uma websérie retrospectiva, lançada em 2020. Com o auxílio da Lei Aldir Blanc, o Cine Set conseguiu material e suporte para seis episódios, que contam sobre a história do audiovisual amazonense, a nova fase da produção brasileira, filmes que marcaram os anos de festival, entre “Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios” (Renato Ciasca, Beto Brant, 2012) e “A Separação” (Asghar Farhadi, 2012). Os episódios semanais eram postados no youtube do Cine Set e na própria sessão destinada para os textos da cobertura do festival.

Antes da criação do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), criada a partir da promulgação da Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991), era possível deduzir até 5% do imposto de renda ao Fundo de Promoção Cultural, mas nada muito específico sobre direcionamento de renda e outras diretrizes para a política cultural no Brasil. Também foi com ela que alguns projetos do Cine Set tiveram possibilidade de sair do papel. Como um portal de pequeno porte dentro do mundo cinéfilo, com alguns críticos colaborando com a manutenção voluntária do blog, o auxílio financeiro ajudou na realização de viagens para a cobertura de festivais, além de outros custos envolvendo o site em si.

Dali, isso foi se expandindo para a cobertura na cena internacional. Primeiro veio a cobertura dos Oscars, que desde 2011 é um quadro fixo no blog e no YouTube, mas tudo começou com o artigo “O inimigo maior de Tropa de Elite 2 no Oscar 2012”, escrito pelo editor-chefe. No texto ele fala sobre as chances do Brasil voltar a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional na edição de 2012, concorrendo contra candidatos da Finlândia, Líbano, México, Polônia e China. Repetindo o feito de 2008, mais uma vez o Capitão Nascimento ficou de fora da lista dos indicados, mas

desde então o blog se preocupou em cobrir as chances e participações brasileiras na premiação, listar os injustiçados de cada ano, comentar sobre o evento e análises dos vencedores e zebra. De um tempo para cá, os conteúdos em texto da temporada de premiações também ganharam complementação de vídeos, o que deixou os conteúdos um pouco mais rebuscados. Se por um lado isso dobrou a quantidade de trabalho por lá, eles tiveram uma mudança significativa nos acessos do blog e das redes sociais.

Outras editorias compõem o site são mais livres no que diz respeito ao formato. “Advogado de Defesa”, por exemplo, tem a difícil missão de defender filmes indefensáveis. Longas considerados ruins aos olhos da crítica especializada, mas que ganham destaque e são revisitados pelo valor sentimental que possuem. Ivanildo Pereira, um grande admirador da obra de Brian De Palma, já escreveu com unhas e dentes o porquê de considerar “Mulher Fatal” (2002), uma obra-prima incompreendida do cineasta. Gêneros renegados pela academia, como os slasher dos anos 80, também ganham um olhar especial e novas considerações sobre o legado deixado para o terror. “Caros leitores, venho por este advogar em favor do filme...”. Franquias como Crepúsculo, filmes de heróis e até Indiana Jones já tiveram participações na coluna.

Mas é em “Artigos e reportagens” que os colaboradores do Cine Set usam e abusam do espaço para trazer suas opiniões sobre cinema por meio dos textos. É por lá que se concentram a maioria dos artigos sobre o Festival de Cannes, o qual o portal já esteve presente por dois anos. E onde se concentram os artigos autorais como “Por que ‘Segundas Intenções’ é o filme do meu coração”, por Lucas Aflitos, em que ele traz sua subjetividade para analisar o clássico da virada do século.

Entrevistas com elencos e os impactos da política no audiovisual brasileiro também já foram tratados, como o descaso do governo Bolsonaro com o cinema brasileiro. Ainda cabe um espaço para comentar sobre novidades na Ancine, debates sobre novos formatos no cinema, listas variadas e discussões sobre tópicos em alta na indústria cinematográfica. Em resumo, funciona quase como um quarto do despejo, em que toda e qualquer opinião é válida.

Para aqueles que não deixam de estudar sobre a sétima arte, o “Cinema Para Ler” combina a literatura com as telonas. É quase um material de apoio disponibilizado no portal para ajudar os leitores a conhecerem os filmes na teoria. Alguns outros textos da editoria descrevem a construção de roteiros e focam na linguagem, no sentido literal

da palavra. Mas, no geral, eles compõem uma série de dicas de livros e leituras que podem auxiliar no estudo sobre a sétima arte.

Em um contato ainda mais direto com os leitores do blog, “O Filme da Minha Vida” é o espaço em que eles podem dar suas contribuições de indicações de filmes. Quando perguntados sobre qual seriam os filmes da vida deles, quais mexeram com as emoções e mudaram a perspectiva deles sobre cinema, a editoria deseja transmitir a ideia de ser mais plural e subjetiva possível na compreensão sobre cinema, longe das amarras do que seria ruim ou bom, bonito ou feio, afinal, gosto não se discute. De Blockbusters até clássicos cults, dez leitores contam sua história com o cinema, e o porquê da escolha do filme.

Se essa parte do blog é destinada às indicações de filmes, o “Classic Movies” resgata pérolas do audiovisual e aprofunda a obra de grandes cineastas. Por lá, eles são lembrados com comentários sobre a principal obra do diretor, inserindo a análise a partir do impacto que a película teve na produção audiovisual da época, estética e enredos, e, na maioria das vezes, celebrações de 60 anos de lançamento são o gancho perfeito para colocar os filmes em evidência.

Em 2021, “Bonequinha de Luxo” (1961, Blake Edwards) completou 60 anos de lançamento, com a pergunta sobre o que torna um longa um clássico e, neste caso, a interpretação de Audrey Hepburn eternizou a figura da personagem e da atriz na história da sétima arte, na indústria da moda e no modelo de comédias românticas até hoje reutilizado. “Barravento” (1962, Glauber Rocha), foi o primeiro filme de longa metragem feito pelo brasileiro, e também ganhou revisitação nos seus 60 anos de lançamento.

Voltados para “Olhar do Norte” e “Críticas AM”, os escritores do Cine Set ficam com a missão de ir atrás de potenciais clássicos e pérolas escondidas do cinema amazônico, para destacarem as produções pensadas e feitas por pessoas desse núcleo audiovisual. Caio vê isso como um dos pilares do blog, com a missão de aprofundar e dissipar a produção crescente de Manaus. Ainda pouco conhecida no restante do Brasil, que já não recebe o reconhecimento que merece, é a partir da aproximação com outros estados do Norte e eventos que a divulgação é possível.

Para pensar a sétima arte brasileira fora do foco sudestino, o espaço propõe a análise de novas produções e convida os leitores para conhecer mais da arte que está sendo produzida por lá, em longas como “Na Dança que Cansa Voatas” (Gabriel Bravo de Lima, 2024) e “Alexandrina” (Keila

Sankofa, 2023). Também não são deixadas de lado as produções que ressaltam temas amazônicos, como o longa “Pés de Peixe”, (Aldemar Matias, 2024), que sutilmente traz novos olhares sobre o cotidiano de famílias ribeirinhas, e apresenta um novo olhar amazônico para o mundo.

- *E é justamente isso a maior qualidade de “Pés de Peixe”: mostrar nossa cultura para um país que a marginaliza e a estereotipa. A narrativa parte da dificuldade enfrentada pelas famílias ribeirinhas da comunidade flutuante do Catalão, que precisam adquirir um novo gerador após o que abastece a energia da localidade queimar, para contar uma história conhecida que se apoia tanto na jornada do herói quanto em tropos de superação.*

Pâmela Eurídice sobre “Pés de Peixe”.

Há editorias que também se fazem presentes em quadros fixos no YouTube. Por terem nascido de uma TV universitária, com raízes na crítica audiovisual feita pelo audiovisual, as produções em vídeo são até mais antigas do que os textos, com início em 2013. Essa é uma das redes em que eles costumam investir, já que pode ser e é utilizada como uma ferramenta de adição de conteúdo e de expansão do alcance das produções do blog. A possibilidade de monetizar dentro da plataforma também é vista com vantagem, apesar de não possuírem atualmente uma equipe destinada exclusivamente para pensar formatos exclusivos para a plataforma de vídeo, e editores. O carro chefe do portal segue sendo os conteúdos em textos, que são adaptados ao formato audiovisual.

Um formato já tradicional é o Videocast Cine Set, em que um ou mais apresentadores escolhem um longa para opinar, ou as novidades nos cinemas de Manaus, os melhores indicados e vencedores do Oscar de um determinado ano. Com um caderninho na mão e alguns tópicos roteirizados na cabeça, aos poucos o canal foi deixando de ser amador, com vídeos mais encorpados e resenhas específicas para filmes recém lançados. Esses conteúdos eram divididos em “com spoilers” e “sem spoilers”, para guiar o público entre as vídeo resenhas, além de conteúdos mais corriqueiros no dia a dia, como “As vantagens e desvantagens de ir ao cinema” e a prática do cinema 3D.

O videocast também dava espaço para conversar sobre notícias da indústria do cinema, como o anúncio da aposentadoria de Quentin Tarantino em 2015, e a cena

independente em Manaus. Foi nessa época também que eles passaram a soltar análises em vídeo e tempo real da cerimônia do Oscar, que muitas vezes ganha um destaque especial pelas vestimentas que a equipe utilizava para falar sobre a premiação. Com um pouco mais de grana entrando, em 2016, o cenário foi mudando e as pautas começaram a ter mais teor jornalístico cultural.

Como críticos no youtube, eles se apegavam a filmes moralmente impossíveis de se defender, como “Shakespeare Apaixonado” (1998), que tirou o Oscar quase incontestável da Fernanda Montenegro, no quadro “Advogado de Defesa”. Periodicamente, eles soltavam listas com os melhores lançamentos do semestre, além de indicações de filmes para ver no streaming e para datas especiais, a páscoa por exemplo: “A Última Tentação de Cristo” (1988, Martin Scorsese), em que a figura de Jesus é representada por ninguém menos que Willem DaFoe.

O Mesa de Bar do Cine Set se concentra em uma conversa despreocupada sobre cinema, com opiniões impopulares que só temos coragem de contar aos amigos depois de um ou dois copos de cervejas. Os conteúdos consistem em comentários de filmes recém lançados à mesa, regados de vinho, sem seguir um certo script. Diferentemente das listas, que já precisam de gancho e corpo para sustentarem a indicação: “10 filmes de 2016 que você precisa descobrir”, ou ainda “Trailers melhores do que filmes” e “10 cliques inspirados em filmes”.

A “Copa do Mundo do Cinema” foi uma sacada para a Copa do Mundo de 2018, em que o editor-chefe, Caio Pimenta, trazia dicas de filmes dos países participantes daquela edição do mundial. Os escolhidos geralmente eram produções mais recentes, que no total geraram 32 pílulas no YouTube, cada uma delas com a dica de um longa metragem e a sinopse. As escolhas do Brasil aconteceram logo depois da eliminação da Canarinha para a Bélgica, e rendeu duas indicações: “Paraíso Perdido” (Monique Gardenberg, 2018) e “As Boas Maneiras” (Juliana Rojas e Marco Dutra, 2017). Alguns escolhidos até estiveram em grandes premiações, que foi o caso de “Gosto de Cereja” (Abbas Kiarostami, 1997), representando o Irã, “A Caça” (Thomas Vinterberg, 2012), estrelando o indicado ao Oscar de melhor ator Mads Mikkelsen, e a animação suíça “Minha vida de abobrinha” (Claude Barras, 2016).

“Decifrando personagens”, especiais de séries, com enfoque especial em Game Of Thrones, que envolviam teorias e curiosidades sobre o sucesso audiovisual, e co-

berturas do Emmy, Cannes, SAG, Globo de Ouro, previsões para a temporada de premiações, também fazem parte parte do repertório do YouTube do blog. Mas foram as apostas nas webséries sobre cinema amazonense, assim como as reportagens especiais, que fizeram o canal impulsionar em termos de conteúdos mais sofisticados. A primeira delas foi a dedicada ao Amazonas Film Festival, que assim como no blog, se debruçou na história do festival e os impactos no audiovisual nortista. Divididos em cinco episódios, cada um dos vídeos trata de um tema específico, passando pela história da criação do Festival até a última edição, realizada em 2013, eles escoram entrevistas e conversas com estudiosos e profissionais de cinema.

O mesmo aconteceu com a série sobre o ciclo de cinema amazonense, que em 7 vídeos conta um pouco mais do amadurecimento da produção audiovisual no Estado, e as novas gerações de cineastas e histórias que estão para serem produzidas. “Ícones do Cinema Amazonense” continua o legado de webséries, apresentando figuras importantes para a consolidação do cinema amazonense. Quase que na íntegra, os textos do blog reproduzem as entrevistas que contam mais sobre o cenário audiovisual amazonense. E “Fenômenos dos Cinemas de Manaus” já trata dos quase inexplicáveis fenômenos de bilheteria na capital amazônica, entre eles o clássico “O Exorcista” (William Friedkin, 1974), “Ghost: Do Outro Lado da Vida” (Jerry Zucker, 1990), estrelado por Demi Moore, e “Trapalhões” (Flávio Migliaccio, 1989), ícone da comédia brasileira.

Com quase 13 mil inscritos e mais de mil conteúdos em vídeo, o canal do Cine Set no YouTube funciona como uma das âncoras do blog, que agora não só abarca novos conteúdos, mas diferentes alcances e abordagens. Focados em descentralizar a produção de críticas audiovisuais no site, eles passaram a ser uma referência sobre o cinema amazonense e aos poucos têm expandido o potencial do blog para alcançar um público maior.

O Letterboxd também é chave importante dessa estratégia, incorporado no pacote de investimentos nas redes sociais, apesar de ser trabalho de um homem só. Com ele, YouTube e Instagram completam o guarda-chuva de divulgação do Cine Set, além de novos formatos jornalísticos, em diferentes formatos (sejam eles em podcast, vídeo ou pilulas. No entendimento de Caio, o relacionamento com aplicativo é “de lua”, por não ser um item internalizado na rotina dele, mas que é fundamental para facilitar na aproximação com os cinéfilos da nova geração, os mesmos que

evitam atender ligações e conseguem realizar uma pesquisa em questão de segundos.

Uma pequena biografia resume a história do blog no Letterboxd, com alguns links que levam para o site e as redes sociais oficiais. Com algumas centenas de seguidores, o CineSet aproveita o espaço deixado por lá para reproduzir trechos de críticas, disponibilizadas na íntegra no site. Listas com os filmes citados em especiais de super-heróis Homem-Aranha e Batman, com suas tantas representações e versões no cinema. As tags criadas por lá são utilizadas para situar o leitor dentro do assunto da crítica, sem necessariamente precisarem ler sobre o tema. Entre as “reviews” mais curtidas, a nova versão do clássico “Nosferatu” (Robert Eggers, 2025), que acabou sendo uma crítica à ausência de novidades na releitura e à proeminência do estético sobre o conteúdo:

- *“Nosferatu de 2025 somente consegue refletir sobre os tempos atuais em relação à estética, que prevalece acima de qualquer coisa. Quanto mais um diretor consegue dar uma atmosfera supostamente conceitual, mais eleva-se, ele e a obra, a um patamar de visionário, autoral ou qualquer adjetivação do gênero. Robert Eggers segue nesta linha, oferecendo obras cada vez mais ambiciosas, mas incapazes de adensar minimamente suas propostas para além de imagens bonitas. Crítica completa: cineset.com.br/critica-nosferatu-robert-eggers/”*

As coberturas de festivais fazem bem isso, ainda mais porque o portal deseja projeção mundial. Ao enviarem repórteres para o Festival de Cannes, em que já estiveram presentes por dois anos consecutivos, eles conseguem produzir entrevistas no red carpet, análises de filmes que ainda não estrearam no Brasil, entrevistas com elencos e conteúdos in loco, como é o caso do bate papo com o diretor amazonense Sérgio Andrade.

Da primeira vez, a crítica de cinema e votante do Globo de Ouro, Camila Henriques, gravou o dia a dia do festival e trouxe bastidores do circuito. A ideia é aumentar a quantidade de repórteres por lá, para intensificar a cobertura dos mais de dez dias do festival, e trazer novos formatos para o blog. No todo, já houve cobertura dos festivais de Berlim, Cannes, Karlovy Vary, Londres, Gramado, Mostra Internacional de Cinema de SP, Festival do Rio, Olhar do Norte, Matapi e o Amazonas Film Festival.

Com o crescimento do portal, que acontece com os esforços em diversas áreas possíveis dentro da crítica de cinema (cobertura de festivais, entrevistas com elencos, críticas, podcasts e pílulas informativas nas redes sociais), o Cine Set já é resiliente pelas transformações que precisou passar. Adaptado ao futuro e fiel ao conteúdo diverso sobre cinema, ele enxerga consistência na audiência das produções.

Adorocinema

Os anos 2000 marcaram a entrada do novo milênio em meio aos avanços tecnológicos e incertezas políticas e econômicas. Entre algumas das teorias que circulavam era que uma instabilidade elétrica mudaria os rumos da tecnologia na virada do século e causariam impactos irreversíveis no rumo da humanidade. Também havia a conspiração de que o planeta estaria com as horas contadas depois da contagem regressiva para os anos 2000. Mentira ou não, fato é que o portal AdoroCinema foi lançado, não ironicamente, no primeiro dia de abril de 2000, mais conhecido como dia da mentira.

Naquela época, a forma mais fácil de se encontrar informações e opiniões sobre cinema se concentrava em blogs e portais. Sem pretensão alguma de se tornar o site com milhões de acessos, o projeto saiu do papel como um hobby em comum de um grupo de amigos. Os primeiros conteúdos consistiam em “fichas” sobre filmes e celebridades, páginas personalizadas para cada produção com informações sobre o ano de lançamento, gênero, duração, elenco e equipe de produção. Também eram disponibilizados sinopse, links para trailers, notícias e resenhas sobre o filme.

Seja por limitações dos dispositivos, ou por perfil dos consumidores dos conteúdos de cinema, ao longo do tempo o AdoroCinema precisou se moldar para acompanhar as demandas de diferentes públicos e gerações interessadas em cinema. Baseado em sites que continham informações sobre filmes, séries, elencos e cineastas, ele nasceu como um portal de notícias sobre a indústria audiovisual, além de concentrar uma base de dados sobre produções audiovisuais. Mas as fichas foram um dos conteúdos que perduram até hoje, sendo aprimorada para construir uma base sólida para os cinéfilos brasileiros. Autointitulado o site de cinema número um do Brasil, ele se diferencia de outros veículos de

mídia sobre a sétima arte por ter se moldado para também incorporar opiniões de usuários do portal, o que facilita a comunicação entre a comunidade cinéfila.

Em 2001, o site passou pela primeira reformulação, passando a contar com as seções que compõem o portal atualmente. Para suprir o sonho cinéfilo, a equipe foi aumentando e outros setores passaram a compor o editorial, como as hard news, coberturas de séries e programas de TV. Bem como debates em cultura e cobertura de festivais internacionais de cinema in loco. Katiuscia Vianna, editora-chefe do portal, conta que com o amadurecimento do portal, eles passaram a migrar do conteúdo noticioso para pautas mais frias e as análises, até serem comprados pela AlloCiné, site francês que reformulou a interface do Adoro Cinema e apostou na expansão internacional do modelo de site. Mas a consolidação do portal como o maior de cinema do Brasil se deu depois da incorporação do site pela Webmedia Brasil, proprietária de portais como o Purepeople.com.br, Purebreak.com.br, e Tudogostoso.com.br.

Atualmente, o portal é dividido em cinco tópicos principais: filmes, streaming, séries, televisão, e personalidades, cada um deles com seções exclusivas. A home em formato de banners traz as novidades no cinema, artigos especiais, novidades e teorias sobre *The Last of Us* e outras séries, franquias famosas, etc. Logo abaixo, em “cinema”, dá para se informar sobre os filmes em cartaz nos cinemas brasileiros, as estreias da semana e os lançamentos mais aguardados juntos com os próximos lançamentos. Apesar de ter mudado o perfil de portal com foco em hard news de cinema, também há uma parte dedicada às últimas, separadas em entrevistas, festivais, negócios, personalidades, pré-produção, visto na web e lançamentos.

Cada uma dessas editorias tem suas características. Personalidades, por exemplo, tem como enfoque as celebridades do mundo do audiovisual, curiosidades delas em set, papéis marcantes e entrevistas exclusivas. Pré-produção já fala sobre o outro lado das câmeras, com foco nas continuções de franquias, longas com datas próximas de estreia e remakes de clássicos do cinema como “O Guarda Costas” (Mick Jackson, 1993), estrelado por Whitney Houston e Kevin Costner, em produção. Negócios fala sobre as movimentações da indústria cinematográfica, sobre recordes de bilheterias, adaptações, os impactos da inteligência artificial e as inovações na sétima arte. E por aí vai.

Quanto às críticas, o AdoroCinema possui um time de seis escritores que se dividem para cobrir os filmes

do momento, geralmente estreias e os mais comentados. Os critérios, estabelecidos pelo time editorial e esclarecidos pela editora-chefe são principalmente defender suas opiniões, por mais controversas que pareçam ser, no espaço do site.

"Para isso, é claro, são necessárias ideias inteligentes, sem nenhum tipo de ofensa ou termos pejorativos". Katiuscia, em entrevista para o livro.

Inteligentes ou não, associar a produção crítica às fichas do banco de dados produzidas pelo portal fez com que diferentes obras cinematográficas, além dos blockbusters e sucessos de bilheteria, fossem analisados. Mais conteúdo inédito sendo produzido dentro da plataforma, sem perder o gancho das estreias e novidades do cinema.

Na interface das últimas críticas do portal, é possível ver os dados técnicos sobre a produção, como nome do filme, pôster, data de lançamento, duração, gênero, direção, elenco, sinopse e uma avaliação que vai de zero a cinco dada pelo crítico que analisou a obra. Ao clicar no título, a página do filme também dispõe da média das notas dos usuários do portal e dos usuários que você segue, as sessões disponíveis nos cinemas brasileiros, o trailer do filme, e finalmente a crítica do filme. "Homem com H" (Esmir Filho, 2025), a cinebiografia de Ney Matogrosso, interpretado por Jesuíta Barbosa, ganhou quatro estrelas na avaliação do portal, a mesma média entre os usuários do portal, e uma análise sobre a vida do cantor e a reprodução dela nas telonas.

Justamente por ser um portal em que os usuários podem ter voz ativa, lá qualquer um pode dar sua opinião sobre as produções em formato de texto. Honrando a sua própria essência de ter sido inicialmente um blog feito por escritores amadores que viam a crítica de cinema como um hobby, leitores e cinéfilos têm voz para dividir suas opiniões sobre filmes. Assim como o Letterboxd, isso cria uma comunidade que se fortalece e aprimora os conteúdos sobre a sétima arte através dos debates. Nesse quesito, os sites se assemelham ao permitir que consumidores da página criem usuários dentro do próprio site para deixarem suas colaborações:

"As críticas são oportunidades para debates mais profundos, para escrever sob um olhar mais analítico e não somente informativo. É uma parte da rotina que é muito apreciada pelos redatores. Além disso, como um dos maiores sites de cinema no Brasil, também sentimos que é nosso dever seguir com recomenda-

ções e opiniões sobre a sétima arte. Seja para inspirar outras pessoas a assistirem algum filme que merece mais espaço ou simplesmente para debater arte junto com o público."

No geral, a crítica dos usuários tendem a ser mais enxutas (assim como no aplicativo gringo) e, geralmente, eles optam por escrever sensações vividas durante a exibição do filme, que não passam de primeiras impressões. Dá para notar isso especialmente na bio-pic de Ney Matogrosso, em que há comentários exaltando o cantor e as particularidades do artista, além da semelhança física entre o ator que dá vida ao jovem Ney, mas nada muito profundo sobre a obra em si.

Apesar do site impor uma quantidade mínima de caracteres, de 100 toques para ser mais específica, - "*Corpos nus e seminus e cenas de sexo entremeados por uma boa história. (Mas a crítica tem de ter no mínimo 100 caracteres)*" - retirada de uma crítica anônima. É difícil encontrar comentários de usuários com mais de três linhas, e comentários analíticos mais aprofundados.

Em contrapartida, as críticas profissionais no site podem trazer um histórico de como foi o processo de gravação do filme, os altos e baixos que permeiam a narrativa e os detalhes técnicos que compõem o longa. Mais uma vez sobre Homem com H, o crítico fez questão de enaltecer o trabalho do som e o cuidado com as músicas de Ney Matogrosso, que entram para compor a linha cronológica da carreira do protagonista. Elas também têm um formato fixo, com um título que carrega o nome do filme analisado, uma linha fina que antecipa os comentários do texto e o autor ou autora da crítica.

Katiuscia conta que dentro do portal não há uma divisão entre redatores e críticos. Os colaboradores do portal podem passar por um treinamento para auxiliarem na produção de críticas. Lá eles podem desenvolver seu próprio estilo de escrita e suas visões críticas, em um texto com uma média de seis mil caracteres.

mais do site

Passando as informações sobre filmes, o portal também disponibiliza dicas de conteúdos nos principais streamings: Prime Video, Disney+, Netflix, globoplay, Max, MGM, Looke,

Apple TV+. Entre as dicas estão as estreias nos catálogos, entre séries, longas originais e minisséries, bem como listas das melhores produções originais. Na parte de “séries”, um conteúdo frequente na seção são as teorias das séries, fenômeno que surgiu com os lançamentos semanais dos episódios de *Game of Thrones*, e que seguiu no radar de leitores sobre o audiovisual para se prepararem para a próxima temporada: *“The Vampire Diaries: Klaus e Stefan tiveram um romance na série? Teoria aponta que sim!”*.

Ainda que em desuso, a televisão não fica de fora dos conteúdos do site. Na época em que foi pensado, essa era uma das principais formas de entretenimento dos brasileiros, seja via novelas ou por séries na TV à cabo. Com uma redação que transita entre as novidades nas telinhas e as fofocas nos bastidores, essa editoria se concentra em noticiar os programas mais famosos, como novelas da Globo e reality shows. O que se confunde com a parte de “Personalidades”, que também ganham notícias específicas e fofocas sobre as celebridades do mundo do entretenimento, mas que no AdoroCinema podem ser conhecidas a partir das páginas de cada uma delas dentro do portal. Assim como os filmes que ganham detalhes técnicos sobre o ano de lançamento, elenco e direção, as páginas das personalidades detalham a data de aniversário, filmes e outras produções da carreira, nacionalidade e uma pequena biografia.

Apesar de não serem o carro-chefe do portal, a redação tem um cuidado especial pelos festivais de cinema. A novidade está lá e é importante se fazer presente nesses eventos. Focados em apresentar novas gemas do audiovisual, além de esquentarem conteúdos para a maratona de premiações, geralmente as notas se apegam aos vencedores e destaques do Festival de Berlim, Toronto, Veneza, Sundance. As coberturas específicas se reservam para a Mostra Internacional de São Paulo, Festival do Rio e o Festival de Gramado, que ganham listas das surpresas e melhores exhibições, como o destaque “Mal Nosso” (Samuel Galli, 2017) e “Que Horas Ela Volta?” (Anna Muylaert, 2015).

Ao dialogar com um público completamente diferente, que compreende o audiovisual principalmente como entretenimento e voltado para o cinema de massa, mais próximo dos sucessos de bilheteria e dos blockbusters, o portal dá preferência para a cobertura de festivais como a Comic Com. O fenômeno do festival representa a cultura do fã, em que milhares vão até o evento para prestigiar as novidades de uma saga de filmes, lançamentos de séries, cosplays, painéis com entrevistados e cultura geek.

Já consolidado e com bem mais tempo de vida em comparação com blogs amadores, o alcance do Adoro Cinema pode ser traduzido nos 12,3 milhões de visitantes únicos por mês, das 37 milhões de visualizações mensais na página e mais de 62 mil notícias publicadas até julho de 2022. Em comparação com o volume de produção e alcance do Cine Set, apesar de possuírem propostas diferentes dentro do jornalismo de cinema, a diferença é esmagadora. Com a projeção internacional, com as cinco outras versões, AlloCiné, Filmstarts, SensaCine, Beyazperde, Sensacine México, que fazem parte do quadro de sites de cinema da WebMedia.

O hobby em comum foi o pontapé inicial para tirar os dois projetos do papel mas, em termos de conteúdo, a diferença entre eles fica clara na intenção em que cada site foi construído. Enquanto que o Cine Set foi pensado para cobrir e dissipar a voz do cinema amazonense, com escopo mais delimitado e temas essenciais para o blog, o AdoroCinema já possui como missão a formação de um banco de dados incluindo opiniões sobre o audiovisual. Com a consciência de que o alcance não é o mesmo, a estratégia das redes sociais é diversificar os conteúdos do portal, e adaptar os já existentes para os diversos públicos que o portal pode alcançar. O entretenimento é o assunto principal, que às vezes dá lugar para a crítica de cinema e para os textos sobre fazer cinema.

novas eras e aplicativo

Como vitrine do site e o principal formato de alcance do público do nicho cinéfilo do AdoroCinema, o Instagram com seus quase 3 milhões de seguidores e meio, faz a ponte de conteúdos para os consumidores dos textos do site e dos posts no feed. Quase sempre os conteúdos veiculados por lá são transformados para a lógica da rede social, que procura transmitir a informação da maneira mais rápida e resumida possível. Não à toa, a maioria dos posts são notícias, resumidas em uma ou duas linhas que poderiam facilmente ser o título de uma notinha sobre cinema. As postagens de citações geralmente são retiradas de entrevistas, reproduções de trechos de críticas e listas de indicações de produtos audiovisuais, a maioria deles disponível na íntegra no portal.

Algumas entrevistas em vídeo com elenco de filmes e entrevistados convidados, como no caso da exclusiva de Lázaro Ramos com Hailee Steinfeld, Wunmi Mosaku

e Miles Caton, atores de “Sinners” (Ryan Coogler, 2025), ganham cortes especiais para o feed. Em outros casos, influenciadores tomam seu lugar para as dicas e motivos para assistir uma determinada produção, especialmente nas postagens em colaboração com os serviços de streaming. Na época em que “Maria e Cangaço”(Disney+, 2025) estava próximo de estrear, o portal produziu alguns conteúdos para incentivar os seguidores a darem uma checada na produção do filme. Também no retorno de “The Last Of Us” (Max, 2023), o time de conteúdo fez postagens comparando a história do videogame e a versão seriada.

"Quem está nas redes sociais pode procurar um conteúdo mais rápido e imediato, enquanto o editorial do site serve para desenvolvimento de ideias mais apuradas."

Para Katiuscia Vianna, é fundamental o alinhamento e o trabalho em conjunto da equipe editorial com o time de redes sociais: “Em pleno 2025, é impossível se comunicar sem as redes sociais. Cada ferramenta se comunica de forma diferente, então é interessante produzir conteúdos que falem com os mais variados públicos”. A coesão entre essas duas partes é o que aprimora os conteúdos de textos e as postagens, uma vez que os conteúdos são pensados para consumidores diferentes mas que, na essência, são apaixonados por cinema. Pensando neles, a criação do aplicativo para aparelhos móveis também foi incluída na estratégia de expansão de públicos.

Mesmo com um cuidado especial voltado para a administração do Instagram, é no Facebook que se concentra a maior parte dos seguidores das redes sociais do AdoroCinema. Com mais de 40 milhões de seguidores e 10 milhões de curtidas, a rede consiste em pequenos recortes de filmes dublados em português, bem como cortes de entrevistas, interações com as reações da própria rede e curiosidades. O Youtube também não fica para trás, com seus 135 mil inscritos e mais de mil conteúdos postados em formato de vídeo, que variam entre quadros fixos: “Odeio Cinema”, “Mitos do Pop”, “reportagens AdoroCinema”, “Sexta Série”, “RECAP”, “Em Cartaz”, “Dose Tripla” e entrevistas. Variando entre conteúdos patrocinados e editoriais, por lá foi possível criar um novas versões do jornalismo cinéfilo, que prenderam justamente um público delimitado de cinéfilos que talvez não fosse possível alcançar apenas com as notinhas e as críticas do site.

Fato é que se o editorial precisou se reinventar dentro do próprio site e da estratégia de divulgação dos conteúdos noticiosos e críticos, a empreitada de um aplicativo é bem compreensível. Lançado em março de 2013, nas primeiras versões disponibilizado apenas para aparelhos com sistema operacional android, ele implantou a ferramenta de indicações de filmes e séries, e permitiu a criação de perfis de usuários para uma experiência personalizada, assim como no portal. Como concorrente direto ao posto de aplicativo preferido dos cinéfilos junto ao Letterboxd, eles criaram uma versão do AdoroCinema que condensa tudo do site na palma das mãos.

Dividido em quatro abas principais: cinemas, em casa, notícias e minha conta, ele se mostra mais como um guia de cinemas e longas em cartaz, do que propriamente um portal de notícias da sétima arte. Ainda sim, os interessados nas novidades podem escolher entre ler as mais recentes e as mais lidas. As críticas acabam perdendo espaço no aplicativo, que só são vistas em um pequeno espaço dentro da página de cada um dos filmes. A média do senso comum tem mais destaque por facilitar a assimilação do usuário sobre a recepção que a película teve. O que faz sentido para a lógica do app, já que a leitura de um texto na íntegra pode ser mais difícil ou pouco focada.

Para o AdoroCinema, enquanto houver pessoas interessadas em cinema, procurando por novidades no entretenimento, haverá esforços para entregar conteúdos. Atualmente, os mais de 600 mil usuários cadastrados no portal, podem ter acesso a mais de 40 mil fichas de filmes, incluindo as informações técnicas e críticas dos longas, 7 mil fichas de séries, 112 mil fichas de personalidades, que funcionam como cartões de apresentação de atores e atrizes.

Apesar da internet possibilitar que muitos cinéfilos se joguem na empreitada de criticar, a editora afirma que o portal sempre estará alinhado com o profissionalismo dentro da crítica. E dentro do mar de informações e opiniões aberto, o compromisso com o respeito diante da sétima arte é o que deve prevalecer.

próximas páginas

A crítica existe em razão da arte que, por sua vez, enxerga o exercício crítico como fundamental para a existência dela. Tanto é verdade que o início das publicações opinativas sobre cinema só se iniciaram quase com o nascimento do cinema, lá no final do século XIX. Desde então, a sétima arte se tornou a mais popular entre as artes e falar sobre ela nunca foi tão fácil.

A partir daí, a crítica acabou tendo que se adaptar para os diversos desafios e novas perspectivas propostas dentro do jornalismo. Ela mudou com o advento da internet, que chegou com novas formas de analisar a obra cinematográfica, além de novos formatos, que variam em texto, vídeo, áudio ou bullets. Depois teve que compreender a lógica dentro da web, que se retroalimenta e deixa o sistema sobreviver em si mesmo, independente do responsável pelo pensamento crítico por trás da crítica. O que se viu também foi a perda da personalidade crítica, que incorporava a autoridade necessária para que um comentário sobre um filme fosse bem ou mal recebido.

Sem cara, cheiro ou forma, ela passa a ter um formato livre, que ainda se apegava aos preciosismos da crítica tradicional. Todo glamour de estar presente em festivais, premiações, red carpets, premieres, entrevistas exclusivas com diretores e elencos, ainda faz parte do pacote que migrou das páginas de revistas e cadernos de cultura, para os blogs, sites e perfis no Letterboxd. Esse último se insere no contexto da nova internet, que enterrou os blogs e os sites (ainda existentes, mas são poucos os expressivos), para o surgimento dos aplicativos e plataformas multimídia, que entregam conteúdos on demand.

Eles são a linha de frente na nova geração de críticos, e precisaram se reinventar para se manter relevantes no cenário da sétima arte, deram suas considerações sobre o futuro do exercício crítico. Escrevendo para uma geração que não tem o hábito frequente de leitura, além de que as informações podem ser facilmente obtidas com vídeos explicativos no youtube, a atenção do leitor acabou dificultada.

Antes, apenas um texto bastava para transmitir a ideia desejada. Agora, é preciso criar mecanismos ou se apoiar de outras ferramentas, seja redes sociais ou de inteligências artificiais, para diversificar as entregas para o novo consumidor de cinema. Do crítico passou a ser demandado mais jogo de cintura e expertise para além das palavras, que chega com novos formatos pensados para cada uma das plataformas utilizadas como meio da nova crítica de cinema.

O futuro pode ter chegado rápido à crítica, e mais uma vez se confundiu com o processo do cinema: as inovações foram necessárias para melhorar projeção de películas, som, edição e muitos equipamentos técnicos.

É aqui que inserimos o Letterboxd, que ainda não pode se equiparar à uma lente ponta de última geração, ou um rolo de 70mm Imax, mas pode ser visto como uma potente ferramenta para o jornalismo crítico dos dias atuais. Desde quando foi criado, lá em meados de 2013, ele tem como função tornar conversas sobre a sétima arte mais organizadas e concentradas em um só site/aplicativo.

Disponibilizado na versão web e na versão aplicativo, ele está inserido na lógica da internet 2.0, em que os sites invadiram dispositivos móveis e se tornaram aplicativos de fácil acesso na palma da mão. Por lá, os usuários podem escrever suas críticas, organizar os filmes já vistos e os que ainda deseja assistir na watchlist, e curtir seus filmes favoritos. Na prática, ele facilita a conversa entre cinéfilos, críticos e curiosos sobre filmes, quase como um cineclubes digital.

"Faz parte, né? O Letterboxd acaba fazendo parte desse sistema interconectado em que você precisa estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Precisa estar em todas as redes ao mesmo tempo."

Marcio Sallem, cinema com crítica

Dos blogs, a crítica passou a ser feita no Instagram, YouTube, Substack, Letterboxd. Refém das redes sociais para desenvolver seu trabalho, Marcio, que já começou a escrita inserido nas críticas online feitas nos blogs, reclama principalmente da precarização do trabalho crítico. Como ele, muitos outros escritores precisam se adaptar aos novos formatos e diferentes públicos da nova crítica, e, como já foi mencionado, é preciso estar lá para ser visto.

Por lá, as críticas ganharam um novo formato, pensados para resumir em poucas palavras a mensagem

principal da crítica, e não é porque o aplicativo limita a quantidade de caracteres, e sim porque o comum seja que esse tipo de produção se limite a pequenos textos condensados em um parágrafo. Mas, no geral, não é bem pela escrita que os críticos permanecem neste espaço.

O site proporciona estatísticas dos filmes logados no perfil de cada um dos usuários, divididos pela data de entrada nos “diários”, que pode funcionar como uma base de controle para eles. Além de ser uma forma a mais para apresentar o trabalho crítico para outras pessoas, que possuem outras vivências e preferências de consumo dos conteúdos sobre cinema.

"Ah, o Letterboxd funciona super, eu acompanho por lá as estatísticas do site. Mas eu acho que tem relação um pouco com a escolha do trecho que é colocado na review do filme."

Isabel Wittmann, feito por Elas

Cada escritor possui sua estratégia por lá, que vai desde reproduzir um texto crítico na íntegra, ou escolher o trecho com maior impacto para chamar atenção dos seguidores. No fim, o objetivo acaba sendo o mesmo na maioria das vezes: ter mais visibilidade, porque quanto mais, melhor, e é por se fazer presente em diversos “canais críticos” que eles passam a ser reconhecidos pelo que escrevem. Mesmo sendo impossível dimensionar quais daqueles perfis estão ali realmente pela leitura dos conteúdos críticos, ou só pelas avaliações sobre cinema, é interessante observar como eles criam uma nova forma de diálogo sobre cinema.

"É bem interessante essa proposta, né? Todo mundo conversa, mas nada garante que essa conversa se desenvolva. [...] Os textos se polarizam muito fácil, eles têm significado muito genérico sempre."

Rubens Machado

O antiprofissionalismo pode ser um dos principais desafios para a crítica desenvolvida nesse cenário. Sem restrição de quem critica ou deixa de criticar, quase sem critério editorial, a não ser a política da comunidade que dá alguns direcionamentos sobre uso de palavrões e insultos, o que temos é parecido com um mural de informações, dicas e opiniões pouco aprofundadas que vão de encontro com o propósito do pensamento crítico da análise fílmica.

"É legal ter uma rede social para se falar sobre cinema, nesse sentido é incrível. Só acho que a minha única preocupação em relação ao Letterboxd é encontrar pessoas que estejam dispostas a fazer crítica profissional por lá."

Caio Pimenta, Cine Set

Apesar de não resumir o que vem acontecendo com os conteúdos de cinema no geral, ele já representa uma grande mudança na forma como a crítica é desenvolvida e consumida. Tudo por abraçar uma nova geração de cinéfilos, construir diálogos horizontais entre profissionais e amadores na crítica, e por ter se tornado um dos principais caminhos para se conversar sobre cinema em 2025.

Por um lado, a mudança é compreendida como imprescindível para a sobrevivência dos longos textos opinativos, mas também gera dúvidas sobre a confiabilidade e a autoridade dos pensamentos "críticos" ali traduzidos em palavras.

Como o jornalismo em si, as mudanças acabaram sendo consequências das transformações na sociedade, que chegam com novas ideias, formas de se pensar e experimentar. Se colocarmos o cinema como um reflexo da sociedade, com seus apontamentos e revelações, nada mais compreensível que enxergar as produções analíticas sobre ele indo na mesma direção. Talvez tendo que se adaptar duplamente, para compreender o momento histórico e a sociedade que aquele filme se insere e os símbolos que ele possui na sua forma.

E é por isso que os críticos aqui entrevistados possuem visões diferentes sobre como eles imaginam um futuro para a crítica, caso ele realmente exista, e torcemos para que sim, afinal não é só de esgotamento de pensamento crítico que os algoritmos sobrevivem. Existem ferramentas para ajudar a manter a prática viva, como o Letterboxd, e sempre vai existir a vontade de conversar sobre cinema.

Até isso parece ser uma questão, apesar dos estúdios de cinema não pararem nem por um segundo de lucrar com lançamentos, e as pessoas seguirem consumindo filmes e seus derivados (entrevistas com elencos, notícias, premiações e análises).

Na miscelânea de tendências da "bola de cristal" dos críticos, Marcio aposta na longevidade da crítica independentemente do meio:

"Eu acho que a crítica vai sempre mudar. Eu não acredito que nós vivamos em um mundo em que nós

depois de realizarmos qualquer atividade ou participarmos de qualquer atividade artística, uma ou outra pessoa vai opinar sobre aquilo. O que vai mudar é o meio e a forma com que ela opina, mas a opinião dela com conhecimento ou sem conhecimento, com base ou sem base, vai continuar existindo."

Marcio Sallem, cinema com crítica

No mesmo compasso, Isabel também acredita que dificilmente a crítica se esgotará. Só que para isso será necessário pensar em jeitos de ampliar o debate, já existente dentro do exercício crítico:

"Eu acho que vai continuar, porque no final das contas, para além dessa lógica de divulgar o filme que tá sendo lançado aqui, a crítica sempre funcionou como um espaço de debate, né? E a gente que gosta de cinema e tem interesse por cinema, raramente com os filmes certos vai querer ficar só no filme. A gente sempre vai querer pelo menos comentar com alguém, assim, 'nossa, já viu aquele filme?' 'Que que tu achou de tal coisa?'. Então, é uma forma de organizar essas ideias e de tentar dialogar com outra pessoa e tentar formular as próprias ideias. E eu acho que isso não se esgota."

Isabel Wittmann, feito por Elas

Apesar de acreditar que as redes sociais proporcionam alcance nunca visto nas páginas de jornais e revistas escritas, o Cine Set entende que é preciso ter estratégia para ter notabilidade em plataformas:

"No Letterbox, eu vejo isso ainda muito incipiente, talvez porque também tem muitas vozes, né? E às vezes para se destacar ali é meio complicado. Então, a minha preocupação é essa: como é que a crítica de cinema ela vai se sustentar, ela vai sair de um amadorismo?"

Caio Pimenta, Cine Set

Enxergando a perpetuação de um discurso autoritário sobre as opiniões de cinema, Rubens é o único que não consegue imaginar uma boa produção crítica se desenvolvendo nesse novo lugar comum, o Letterboxd:

"Olha, tá difícil de enxergar o futuro da humanidade. O futuro da liberdade. A arte, no tempo de guer-

ra, acontece muito pouco. Ela diminui, ela se contringe a falar de certos temas mais do que outros, ela não se abre na complexidade e na diversidade de temas existentes, ela reduz muito o campo. E diminui muito quantitativamente a importância da produção artística durante a guerra. Mas o que não quer dizer que não aconteça nada de importante, às vezes justamente acontece algumas coisas que só poderiam acontecer depois da guerra. Mas o futuro a Deus pertence, né? Uma coisa que é difícil de falar. Eu tô com dificuldade de falar do futuro."

Rubens Machado

.....

Presente durante toda a história do cinema, é quase impossível imaginar o fim da crítica de cinema. Adaptando-se, encontrando novas formas de ser relevante, ela encontrou no Letterboxd um lugar para ampliar as discussões sobre a sétima arte, diversificar o público e as visões sobre o que compõe um bom filme.

Não dá para prever se a plataforma passará a ser o principal meio de criar críticas, muito menos se a sociedade vai escolher consumir vídeos ou textos. Mas pelo fato de ter conquistado diferentes comunidades, ele já aponta para uma crítica mais democrática.

aqui estão dispostos alguns perfis da nova geração de escritores de cinema brasileiros, inserido nas mudanças que o jornalismo crítico de cinema vem sofrendo desde a sua chegada à internet. cada um deles representa um grupo dentro do exercício crítico, que incorpora os desafios no cenário feminino, reconhecimento e remuneração da atividade, e a autoridade crítica. as mudanças também indicam novas formas de escrita, formatos e estilos dentro do gênero, mas que passa a se modificar por dispor de novas ferramentas, em especial o Letterboxd, que descentralizam o trabalho de críticos amadores e profissionais.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FERNANDA UMEZAKI REAL

**Letterboxd:
Lugar da nova crítica de cinema**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
SÃO PAULO
2025**

FERNANDA UMEZAKI REAL

Letterboxd:

Lugar da nova crítica de cinema

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier.

SÃO PAULO

2025

Introdução

A crítica acompanha o cinema bem antes dele se tornar uma arte das massas. Concebida primeiramente para as artes fundamentais, como pintura, teatro e música, ela tem como missão elevar uma produção artística, mas principalmente, reconhecer a obra em seu período e a pertinência que ela possui dentro de uma sociedade.

O cinema, por sua vez, é a mais popular forma de arte atualmente. O apelo que possui faz com que as pessoas esperem ansiosamente por novidades nas franquias, divulgações de elencos, e opiniões sobre os filmes. Com lançamentos quase que semanais e recordes de bilheteria, ele movimenta cinéfilos e uma produção específica dentro da crítica jornalística.

De lá para cá, ela se transformou e passou por diferentes formatos, até se consolidar nas variações que possuímos atualmente. Como gênero jornalístico, ela transicionou das páginas das revistas de cinema e cadernos de cultura, para os blogs, perfis de cinema nas redes sociais, substack, youtube e o Letterboxd.

O meio facilitou com que anônimos se aventurassem no mundo da crítica, escrevendo e falando sobre cinema, da forma mais cômoda como encontravam. Tudo isso baseado na aparente ideia de que todos que possuem opiniões, podem e possuem autoridade suficiente para embasar uma crítica de cinema. Às vezes uma câmera bastava, outras, uma plataforma que entregasse os conteúdos escritos. Assim ela se despadroniza, mas pode alcançar novos leitores e diferentes comunidades.

É nesse cenário também que críticos lutam para ter suas opiniões e textos reconhecidos, enquanto lutam para fazer da atividade crítica um exercício lucrativo. Muitos deles precisam dividir a paixão pelo cinema com trabalhos que sustentam o sonho, alguns também precisam abdicar do exercício.

Traduzindo para a vida real as páginas de "No Enxame", de Byung-Chul Han, em que o escritor alerta para a nova configuração da sociedade influenciado pelo meio cibernético, a nova "era" da crítica de cinema é um reflexo das mudanças que o jornalismo no todo vem sofrendo. Sejam elas positivas ou negativas, é fato que ficou mais fácil obter informações,

assim como facilitou o processo de escrita, apesar de implicar a necessidade de um certo cuidado com o que é falso ou verdadeiro.

1. Resumo

O livro traça um perfil da nova geração de escritores brasileiros sobre cinema, inserido nas mudanças que o jornalismo crítico vem sofrendo desde a sua chegada à internet. De lá para cá, os críticos precisaram se reinventar, com novas estratégias para se aproximar do público, indo desde a incorporação de aplicativos para a otimização de conteúdos, até a associação com publicidades para sobreviver na cena das redes sociais.

Foram entrevistados quatro críticos de cinema, em que cada um deles representa um grupo dentro do exercício crítico, que incorpora os desafios no cenário feminino, reconhecimento e remuneração da atividade, e a autoridade crítica. Marcio Sallem (Cinema com Crítica), Isabel Wittmann (Feito por Elas), Caio Pimenta (Cine Set) e Katiuscia Vianna (Adorocinema), contam sobre suas realidades, e a vida pela crítica de cinema.

Com origens diferentes, mas histórias similares, eles narram a mudança na profissão, desde a era em que os blogs não eram bem quistos pela comunidade cinéfila, até a vida se desdobrando pelo trabalho com a chegada das redes sociais.

As mudanças também indicam novas formas de escrita, formatos e estilos dentro do gênero, incorporado há bastante tempo pelo jornalismo "tradicional", mas que passa a se modificar, conforme dispõe de novas ferramentas (o Letterboxd em especial), que descentralizam e "facilitam" o trabalho de críticos amadores e profissionais.

Ao se debruçar sobre essas mudanças, é possível compreender como a crítica precisou se adaptar para, não somente expandir o público alvo, mas suprir a demanda do mercado audiovisual, que vem produzindo mais do que nunca.

O capítulo que trata sobre a história do Letterboxd e sua empreitada dentro da comunidade cinéfila tem como intenção mostrar o outro lado da equação. Muito utilizado como ferramenta no dia a dia dos críticos e cinéfilos comuns, desde sua criação ele também precisou se adaptar para criar um espaço em que todos tratam sobre cinema, de forma

equivalente e horizontalmente, assim como entendeu a necessidade de criar sua própria revista sobre cinema.

Também é fato que, com ferramentas tão acessíveis, aparentemente se tornou mais fácil do que nunca praticar o hobby da crítica. Aqui, a profissão acaba se confundindo com o hobby, uma vez que as ferramentas disponíveis facilitam as discussões e agremiações de diferentes indivíduos, que fogem do escopo profissional da crítica.

Palavras-chave: Letterboxd, crítica de cinema, filmes, cinema, jornalismo

1.1 Summary

The book outlines a profile of the new generation of Brazilian film writers, situated within the broader transformations that critical journalism has undergone since its arrival on the internet. Since then, critics have had to reinvent themselves through new strategies to connect with audiences—ranging from the adoption of apps to optimize content, to partnerships with advertisers to survive in the social media landscape.

Four film critics were interviewed, each representing a distinct group within the practice of criticism, addressing challenges such as gender dynamics, professional recognition and remuneration, and critical authority. Marcio Sallem (*Cinema com Crítica*), Isabel Wittmann (*Feito por Elas*), Caio Pimenta (*Cine Set*), and Katiúscia Vianna (*Adoro Cinema*) share their personal experiences and lives devoted to film criticism.

Despite their different backgrounds, they tell similar stories of a profession in flux—from the days when blogs were frowned upon by the cinephile community to a reality shaped by the arrival of social media and its impact on their work.

These changes have also brought about new forms of writing, formats, and styles within the genre of criticism—once firmly rooted in "traditional" journalism, but now evolving through the use of new tools (especially Letterboxd), which decentralize and “simplify” the work of both amateur and professional critics.

By examining these shifts, the book reveals how criticism has had to adapt not only to broaden its target audience, but also to meet the growing demands of the audiovisual market, which is producing more than ever before.

The chapter on the history of Letterboxd and its role within the cinephile community aims to show the other side of the equation. Widely used as a daily tool by both critics and ordinary film lovers, the platform has also evolved to create a space where everyone can discuss cinema in an equal and horizontal manner. It also recognized the need to launch its own film magazine.

It is also true that, with such accessible tools, practicing criticism as a hobby appears easier than ever. In this context, the line between profession and pastime becomes blurred, as the available tools facilitate discussions and gatherings of individuals outside the traditional scope of professional criticism.

Key words: Letterboxd, film criticism, movies, cinema, journalism

2. Objetivo geral

Este livro-reportagem tem como objetivo demonstrar os caminhos possíveis dentro da crítica jornalística de cinema atual, bem como seus desafios. Isso foi possível por meio da composição do perfil de quatro críticos de cinema em atividade atualmente, e a maneira como eles se comportaram mediante as mudanças experienciadas.

Ao compreender os impactos das redes sociais sobre as produções críticas, fica mais fácil de observar as adaptações que escritores precisaram passar para serem incluídos no cenário cibernético, incluindo plataformas de vídeo e redes sociais.

Com o recorte a partir do aplicativo Letterboxd, inserido no contexto da formação da crítica de cinema contemporânea, o trabalho também se dedica à análise dele como um instrumento do gênero e os desdobramentos que ele possui, seja na rotina, na projeção e na conquista de um público alvo delimitado.

Avaliar a desprofissionalização do exercício crítico, já que qualquer um, com ou sem autoridade crítica, passa a ter um certo espaço para depositar suas considerações sobre uma obra. E os impactos que a desvalorização acaba tendo sobre os profissionais, que precisam dividir entre profissões "remuneradas" e a escrita.

A ideia também é compor uma discussão sobre possíveis caminhos e o futuro dentro da crítica de cinema, a partir das opiniões dos entrevistados.

2.1. Objetivos específicos

Diante da relevância da crítica de cinema para a elevação da indústria cinematográfica, e a compreensão do formato como um gênero consolidado dentro do jornalismo, o livro-reportagem preocupa-se em:

- Analisar o gênero jornalístico crítica e observar as mudanças no formato no decorrer do tempo;
- Compilar um perfil dos críticos profissionais em atividade atualmente;
- Compreender os impactos da internet sobre as produções críticas de cinema, em especial as redes sociais;
- Compreender a influência do Letterboxd no dia a dia dos críticos e a importância do site para o exercício crítico;
- Demonstrar os desafios encontrados por profissionais críticos, em relação às mudanças impostas ao exercício crítico;
- Discutir o peso que a autoridade crítica possui atualmente e o esgotamento da profissão;
- Debater as possibilidades existentes dentro do futuro da crítica de cinema.

3. Justificativa

O cinema é a forma mais popular de arte. O apelo que ele possui para algumas pessoas é levado como algo sério, transformado em uma profissão. Atualmente, a Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) reconhece 122 críticos de cinema brasileiros, que se dedicam à promoção do pensamento crítico, reflexões e debates, para a elevação da sétima arte.

Em contrapartida, não é nem possível contabilizar a quantidade de blogs e páginas sobre cinema, pela quantidade de pessoas que sentem vontade de dividir suas opiniões e diálogos sobre filmes. O hobby é um fenômeno, e basta ver a quantidade de perfis nas redes sociais dedicados ao cinema, vídeos que viralizam e a quantidade de acessos e visualizações a conteúdos cinéfilos.

No cenário atual, descrito por Byung-Chul Han como a "Sociedade do Cansaço", a profissão crítica é uma das que mais sofre com a precarização. Se por um lado a internet facilitou o processo de escrita e a divulgação de textos analíticos sobre cinema, por outro ela demandou ainda mais do profissional crítico. Novas formas de se criticar, diferentes formatos e novas plataformas passaram a criar um profissional com expertise em diferentes áreas, que não somente o exercício crítico.

Além do texto, formato já consolidado no início da crítica, há vídeos longos (entre 8 a 10 minutos) e curtos (entre 2 a 4 minutos) em formato de resenhas, e escritos pensados na lógica de cada rede social, além de podcasts e newsletters. Os profissionais precisam se dividir entre a produção desses conteúdos, além de se concentrarem em uma fonte de renda prioritária, já que é quase impossível viver apenas da crítica na conjuntura atual.

É nesse contexto que surge o Letterboxd, um site pensado para os amantes de cinema terem um espaço para criarem diálogos, análises e conexões dentro da comunidade cinéfila. Como uma ferramenta, ele é quase fundamental na documentação de filmes e monitoramento de estatísticas de obras cinematográficas vistas.

Ele se tornou uma febre durante a pandemia, o que ocasionou a expansão do site em números de usuários, mas também incorporou traços do jornalismo editorial e se tornou um dos principais sites sobre cinema do mundo, construído todos os dias por usuários anônimos. Por lá, a produção crítica acaba tomando forma de rede social, condensada em um ou dois parágrafos que transmitem a ideia principal desejada pelo escritor.

Isso aproximou espectadores comuns aos profissionais críticos, criando um espaço de diálogo horizontal em que todos possuem autoridade para criticar e deixar suas considerações sobre cinema. O que em contrapartida, isso acaba colaborando com o apagamento da profissão crítica, que encontra desafios para se manter longe da precarização e sobreviver em meio ao grande volume de opiniões e vozes sobre cinema.

A discussão do assunto também levanta questionamentos sobre a autoridade crítica dos autores no cenário atual. Com a facilidade com que as pessoas possuem acesso a diferentes conteúdos e sites de cinema, também acabou encurtando os caminhos para a escrita de

críticas, que não são necessariamente boas ou fundamentadas, o que põe em xeque a credibilidade da produção de críticas atualmente.

4. Metodologia

Para a composição do livro-reportagem foram entrevistados quatro críticos de cinema profissionais em atividade: Caio Bonfim, Márcio Sallem, Rubens Machado e Isabel Wittmann. Cada um deles contou as vivências dentro da profissão e os desafios que encontram no exercício dela cotidianamente. Eles também foram questionados sobre as vivências como usuários das redes sociais, em especial o Letterboxd, e o impacto delas na rotina como escritores.

Para compor um perfil de cada um deles e contar a história como críticos, foram feitas perguntas que estabeleciam um histórico da relação com o cinema, a necessidade da escrita, as estratégias para se manterem relevantes em um cenário de emergência de novos formatos de críticas de cinema, além do que esperam do futuro do pensamento crítico.

Rubens Machado, professor da matéria de Crítica do Audiovisual na ECA-USP e crítico há pelo menos 40 anos, complementou a discussão trazendo ponderações sobre a qualidade das produções de atualmente. Para ele, foram feitas perguntas voltadas para a construção de uma crítica de qualidade, as características de um bom crítico, o que sustenta a autoridade crítica e as influências da internet sobre a produção de textos.

Com uma produção mais regionalizada, pensada em enaltecer produções amazônicas e nortistas, Caio Pimenta traz a perspectiva crítica em compasso com o cinema brasileiro. As críticas veiculadas no Cine Set, não apresentam tanto apelo quando colocadas na cena internacional, mas movimentam cinéfilos regionais que carecem de informações e produções críticas da região. Com a ida de correspondentes a festivais internacionais (Cannes, Berlim, Toronto), o blog descentraliza e também traz novas perspectivas para a produção cinematográfica brasileira. Pensando nisso, perguntas sobre o cenário de produção crítica e o futuro dela no âmbito regional.

Desde quando decidiu que iria escrever sobre cinema, Márcio Sallem enfrentou dificuldades para se manter. Mesmo vivendo em uma grande capital, com acesso mais facilitado às produções cinematográficas de todos os tipos, ele compreendeu que seria quase impossível viver apenas da crítica. Ele é o famoso caso em que o trabalho precisou sustentar a escrita, seja dando aulas ou trabalhando em um cargo público para suprir a necessidade de falar sobre cinema.

No início da sua história com a crítica, ele já precisou se adaptar aos desafios que a internet propunha aos escritores. E com a chegada da crítica feita em redes sociais, mais uma vez foi preciso moldar a forma como ele comunicava suas ponderações sobre os filmes. Com a chegada do Letterboxd, ficou mais fácil de compreender o impacto que elas tiveram sobre a rotina e a maneira como ele trabalhava as diferentes vertentes do trabalho crítico. Foram perguntados as estratégias para seguir na crítica, a importância das redes sociais para ele e os desafios que ele ainda encontra com uma carreira de crítico já consolidada.

Para Isabel, a crítica já nasceu na internet, apesar de já ter desenvolvido o amor pelo cinema quando criança, em uma época em que críticos ainda criticavam em páginas físicas de revistas e cadernos de cultura. Suas formações extra audiovisual, como arquitetura e antropologia moldam a forma como ela compreende a mágica de cada um dos filmes.

Para ela, as perguntas foram direcionadas à crítica feminina e o espaço conquistado, principalmente nas redes sociais, para a escrita de conteúdos voltados para o cinema feminista e LGBTQIAPN+. Fã de carteirinha do Letterboxd, ela deu um panorama mais amplo dos usos da ferramenta, e ainda demonstrou os usos da plataforma no cotidiano como crítica de cinema.

À frente da edição do maior site sobre cinema do Brasil, o Adorocinema, Katiuscia Vianna trouxe o olhar de quem luta para seguir aplicando a fórmula que deu certo. Competindo com outros portais e tendo que lidar com um fluxo imenso de notícias e textos sobre cinema, ela contou sobre a forma como trabalham por lá e como foi necessário desenvolver um cuidado especial para as redes sociais, para seguirem relevantes em conteúdo e acessos.

Com o material obtido por meio de entrevistas e pesquisas, foi possível reunir nas páginas do produto um panorama geral sobre a crítica de cinema contemporânea e os impactos da

internet na produção delas. Sobre o Letterboxd em especial, usuários anônimos e dados oficiais da plataforma foram utilizados para demonstrar o uso da ferramenta pela comunidade crítica, com o qual foi possível compreender a necessidade dos escritores de se fazerem presentes em diversas instâncias, apenas para que haja distribuição e visibilidade no conteúdo crítico que produzem.

Daniel Eustachio, advogado especializado em direitos autorais, também foi consultado para dar o parecer sobre a proteção que os escritores podem vir a reivindicar nesses espaços. Com a facilidade que IAs possuem em produzir textos analíticos superficiais, e a falta de proteção legal aparente dentro das plataformas, críticos e a produção crítica acabam mais vulneráveis.

Os primeiros capítulos, que trazem um histórico sobre a crítica de cinema e do Letterboxd, foram criados com base em pesquisas e leituras recomendadas pelos entrevistados, que tinham como base estética do cinema e teoria crítica. Elas embasaram as discussões sobre análises fílmicas na prática, e resgatam a “verdadeira” crítica de cinema, ou “old school”, diferente da vista nas redes sociais. O último, por outro lado, aborda o futuro a partir das compreensões e vivências de cada um dos críticos entrevistados.

Em termos de estilo e de linguagem, foi pensada uma estrutura em que os críticos participassem da composição do livro, com recortes de trechos de críticas e das entrevistas coletadas, baseada na biografia de Zózimo do Amaral, de Joaquim Ferreira dos Santos. Para isso, foram selecionados trechos de textos dos críticos e dos colaboradores dos portais ouvidos pela reportagem. Recortes opinativos de cada um deles também foram adicionados para compor um quadro sobre possíveis desdobramentos da crítica de cinema.

5. Cronograma

Atividades	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Entrevistas e Pesquisa Bibliográfica	x	x			
Leitura e fichamento		x	x		
Escrita do artigo monográfico			x	x	
Revisão do livro				x	
Impressão					x
Entrega do Trabalho					x

6. Resultados obtidos

O conteúdo obtido e detalhado no livro-reportagem demonstra a nova realidade da crítica de cinema. Antes, vinculada ao glamour da indústria cinematográfica e às páginas dos cadernos de cultura, foi compreendido que a crítica passou por uma readequação aos tempos atuais, em que todos podem opinar e falar sobre cinema.

Nesse cenário, foi constatado que plataformas digitais como YouTube, Letterboxd e Substack dão voz a diferentes formatos e possibilidades dentro da nova crítica de cinema. O que influenciou a maneira como os escritores concebem as produções, a partir da forma que eles observaram ser mais comumente consumidos. Em especial o Letterboxd, que inaugurou uma nova forma de conversar sobre cinema, ao trazer discussões e críticas para dentro da plataforma, a fim de criar um diálogo mais amplo sobre a sétima arte.

Isso também levou a observação de que a crítica faz parte de um sistema comum dentro do jornalismo, refém da nova política de dados e informações nas redes sociais e na internet, moldados por algoritmos de distribuição de conteúdos. Não é mais sobre quem dá o furo ou

distribui mais rapidamente a notícia, e sim quem consegue calibrar o conteúdo para compor uma comunidade de leitores e seguidores fiéis.

É por isso que existe a necessidade do crítico se fazer presente em todas as plataformas, especialmente as redes de nicho, como o Letterboxd, porque é a única forma de se fazer visto e ser relevante. Mesmo que a autoridade crítica seja comprovada, ela tem muito pouco espaço por lá, e isso colabora ainda mais para o esgotamento do pensamento crítico. Na prática, isso empobrece as produções, mas também dá margem para um diálogo mais horizontal entre cinéfilos comuns e críticos de renome.

Por outro lado, foi constatado que a crítica como atividade remunerada não se sustenta. O principal desafio dos escritores acaba sendo, portanto, a manutenção da carreira, enquanto precisam dividir a rotina com atividades que gerem retorno financeiro. Mais e mais a crítica passa por uma desprofissionalização, acompanhada de uma indústria cinematográfica incessante, que cada vez mais necessita do trabalho crítico para se aprimorar.

7. Desdobramentos da reportagem

Com base na apuração e nas entrevistas obtidas, compreende-se que existe a possibilidade de expansão da reportagem para um produto de mestrado. A relevância do gênero crítico dentro do jornalismo dá margem para estudos mais aprofundados sobre o tema, indo além da observação dos impactos da internet dentro do formato.

Em constante mudança e acompanhando as tendências que as mídias impõem, é possível notar alterações no comportamento dos escritores, o teor dos textos, a linguagem, abordagens e estratégias para visibilidade, em um cenário em que todos podem criticar.

Já consolidado entre os gêneros jornalísticos, deve-se levar em conta que o formato é um dos mais consumidos entre os conteúdos de cinema, assim como é um dos mais desenvolvidos entre profissionais e amadores, seja em vídeo, texto ou avaliações mais simples. Tudo isso deverá ser levado em conta na elaboração de uma tese, que deve priorizar a construção de uma nova forma de se criticar e os impactos que terá no jornalismo cultural.

8. Referências bibliográficas

DOS SANTOS, Joaquim Ferreira. Enquanto houver champanhe há esperança: Uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. 1. ed. [S. l.]: Intrínseca, 2016. 633 p. v. 1.

XAVIER, Ismail. A experiência do Cinema. 1. ed. [S. l.]: Paz & Terra, 2018. 392 p. v. 1.

ROCHA, Glauber. Revisão crítica do cinema brasileiro. 1. ed. [S. l.]: Cosac & Naify, 2003. 240 p. v. 1.

LETTERBOXD.: Matthew Buchanan, 2011. Disponível em: <https://letterboxd.com/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

STRAZZA, Pedro. Como o Letterboxd se tornou o centro do debate sobre filmes na internet. Folha de S. Paulo, Site, 3 nov. 2024. ilustrada, p. 1-4. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/11/como-o-letterboxd-se-tornou-o-centro-do-debate-sobre-filmes-na-internet.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2025.

QUEIROZ, Julia; PINTO, Flávio. Letterboxd: entenda como a rede social de filmes virou fenômeno que atrai fãs, cineastas e atores. Estadão, Site, 22 abr. 2024. cultura, p. 1-3. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/cinema/que-nota-voce-vai-dar-entenda-o-fenomeno-letterboxd-e-sua-ascensao-nas-redes-sociais-e-na-industria/?srsltid=AfmBOor2a7pZyZFNoiouTL2KVv7EYnvDU7fCwrMSoKHJq453HnciT1w6>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MARSH, Calum. Is Letterboxd Becoming a Blockbuster?. The New York Times, Site, 13 jan. 2021. What to Watch, p. 1-3. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/01/13/movies/letterboxd-growth.html>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PINOTTI, Fernanda. Letterboxd: conheça a rede social dos cinéfilos, cada vez mais buscada. CNN, Site, 13 abr. 2024. CNN Pop, p. 1-3. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/letterboxd-conheca-a-rede-social-dos-cinefilos-cada-vez-mais-buscada/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GOLDSTEIN, Jessica M. Letterboxd feels like vintage internet. Can it stay that way?. The Washington Post, Site, p. 1, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/style/of-interest/2023/12/18/letterboxd-fans-movies/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

AGUIRRE, Kimberly. Letterboxd started as a cinephile's best-kept secret. Now studios want in. Los Angeles Times, Site, p. 1, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/story/2024-06-17/letterboxd-rise-connecting-film-makers-studios-audiences>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BUCHANAN, Matthew. What's the story behind Letterboxd?. Quora, Site, p. 1, 1 dez. 2013. Disponível em: https://www.quora.com/What-is-Letterboxd-up-to/answers/1910544?ch=10&oid=1910544&share=5e19fbd5&srid=TMM&target_type=answer. Acesso em: 2 jun. 2025.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. [S. l.], 2014.

SENADO, Agência. Marco Civil da Internet completa dez anos ante desafios sobre redes sociais e IA Fonte: Agência Senado. Senado notícias, Site, p. 1, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/04/26/marco-civil-da-internet-completa-dez-anos-ante-desafios-sobre-redes-sociais-e-ia>. Acesso em: 2 jun. 2025.

JÚNIOR, Gonçalo. O subversivo que inventou a crítica cinematográfica. Revista Fapesp, Site, p. 1-3, 1 abr. 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-subversivo-que-inventou-a-critica-cinematografica/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CINE Set: Site de cinema produzido em Manaus com críticas, listas, notícias e artigos especiais.. Site, 15 set. 2014. Disponível em: <https://cineset.com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CINEMA com Crítica. Site, 2024. Disponível em: <https://cinemacomcritica.com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FEITO por Elas: Projeto para discutir, criticar e divulgar os trabalhos das mulheres na sétima arte. Site, 2016. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

ADOROCINEMA. Site, 1 abr. 2000. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/servicos/sobre-nos/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRAGA, Carolina. A crítica jornalística de cinema na internet:: um dispositivo em transformação. 2008. 422 p. Dissertação (Doutorado) - Universidad Autónoma de Barcelona, [S. l.], 2009.

SALLEM, Marcio. Crítica: Che - O Argentino. Cinema com Crítica , [S. l.], p. 1-2, 9 fev. 2010. Disponível em: <https://cinemacomcritica.com.br/2010/02/critica-che-o-argentino/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SALLEM, Marcio. Crítica: The Life List. Letterboxd , [S. l.], p. 1-2, 7 jun. 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/marciosallem/film/the-life-list/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

LA Sortie de l'usine Lumière à Lyon. Direção: Louis Lumière. [S. l.]: Société Lumière, 1895. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x74smkm>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ARRIVÉE d'un train en gare à la Ciotat. Direção: Auguste Lumière, Louis Lumière, 1895. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x4lbe02>. Acesso em: 7 jun. 2025.

THE STORY of the Kelly Gang. Direção: Charles Tait, 1906. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0000574/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

THE GRAND Hotel Budapest. Direção: Wes Anderson: Fox Searchlight, 2014. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-grand-budapest-hotel/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

NIGHT of the Living Dead. Direção: George A. Romero: Continental Distributing, 1968. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/night-of-the-living-dead/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

AMERICAN Beauty. Direção: Sam Mendes: Universal Pictures, 2000. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/american-beauty/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ERASERHEAD. Direção: David Lynch.: Libra Films International, 1977. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/eraserhead/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

THE WITCH. Direção: Robert Eggers: A24, 2015. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-witch-2015/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CORRA!. Direção: Jordan Peele.: Universal Pictures, 2017. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/get-out-2017/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

HEREDITÁRIO. Direção: Ari Aster.: A24, 2018. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/hereditary/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MIDSOMMAR. Direção: Ari Aster.: A24, 2019. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/midsommar/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

A COMPLETE Unknown. Direção: James Mangold.: Searchlight Pictures, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/a-complete-unknown/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

I'M Not There. Direção: Todd Haynes.: Europa Filmes, 2007. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/im-not-there/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

DECISION to Leave. Direção: Park Chan-wook.: CJ Entertainment, 2022. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/decision-to-leave/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

HELLRAISER. Direção: Clive Baker.: Entertainment Film Distributors, 1987. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/hellraiser/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ENTREVISTA com o Vampiro. Direção: Neil Jordan.: Warner Bros, 1994. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/interview-with-the-vampire/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

AINDA Estou Aqui. Direção: Walter Salles.: Sony Pictures Releasing, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/im-still-here-2024/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

A REAL Pain. Direção: Jesse Eisenberg.: Searchlight Pictures, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/a-real-pain/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

DUNA: Parte 2. Direção: Dennis Villeneuve.: Warner Bros. Pictures, 2023. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/dune-part-two/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

NO OTHER Land. Direção: Yuval Abraham, Hamdan Ballal, Basel Adra e Rachel Szor.: Yabayay Media Antipode Films, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/no-other-land/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

APOCALYPSE Now. Direção: Francis Ford Coppola.: United Artists, 1979. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/apocalypse-now/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

TWIN Peaks. Direção: David Lynch, Mark Frost.: ABC, 1990. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/twin-peaks/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

TAXI Driver. Direção: Martin Scorsese.: Columbia Pictures, 1976. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/taxi-driver/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

INSIDE Out 2. Direção: Kelsey Mann.: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/inside-out-2-2024/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SCOTT Pilgrim vs The World. Direção: Edgar Wright.: Universal Pictures, 2010. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/scott-pilgrim-vs-the-world/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ANORA. Direção: Sean Baker.: Neon, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/anora/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SOM ao Redor. Direção: Kleber Mendonça Filho.: Vitrine Filmes, 2012. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/neighboring-sounds/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles.: Vitrine Filmes, 2019. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/bacurau/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ATRAÇÃO Mortal. Direção: Michael Lehmann.: Cinemarque Entertainment, 1989. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/heathers/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

UM LOBISOMEM Americano em Londres. Direção: John Landis, 1981. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/an-american-werewolf-in-london/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CHE: O Argentino. Direção: Steven Soderbergh.: Morena Films, 2008. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/che-part-one/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ZUMBILÂNDIA. Direção: Ruben Fleischer.: Columbia Pictures, 2009. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/zombieland/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

LULA, o Filho do Brasil. Direção: Fábio Barreto.: Downtown Filmes, 2009. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/lula-the-son-of-brazil/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

HOMEM-ARANHA. Direção: Sam Raimi.: Sony Pictures Releasing, 2002. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/spider-man/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O PIANO. Direção: Jane Campion.: Ciby 2000, 1993. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-piano/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GAROTA Infernal. Direção: Karyn Kusama.: 20th Century Fox, 2009. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/jennifers-body/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

TITANIC. Direção: James Cameron.: 20th Century Fox, 1997. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/titanic-1997/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MILK. Direção: Gus Van Sant.: Universal Pictures, 2008. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/milk-2008/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

BRIDGET Jones: Louca Pelo Garoto. Direção: Michael Morris.: Universal Studios, 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/bridget-jones-mad-about-the-boy/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O BRUTALISTA. Direção: Brady Corbet.: A24, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-brutalist/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

ACROSS the Universe. Direção: Julie Taymor, 2007. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/across-the-universe/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

COLHEITA Amarga. Direção: Agnieszka Holland, 1985. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/angry-harvest/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O JARDIM Secreto. Direção: Agnieszka Holland.: Warner Bros, 1993. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-secret-garden-1993/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

THE KILLING. Produção: Aaron Zelman. Estados Unidos: AMC, 2011. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt1637727/?ref_=nv_sr_srg_0_tt_8_nm_0_in_0_q_the%2520killin. Acesso em: 8 jun. 2025.

NOAH. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/noah/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

RÉQUIEM Para um Sonho. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Artisan Entertainment, 2000. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/requiem-for-a-dream/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

CISNE Negro. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Fox Searchlight, 2010. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/black-swan/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O DUPLO. Direção: Richard Ayoade. Reino Unido: Studio Canal, 2013. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-double-2013/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NIGHTBITCH. Direção: Marielle Heller. Estados Unidos: Searchlight Pictures, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/search/Nightbitch/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MICKEY 17. Direção: Bong Joon-ho. Coreia do Sul: Warner Bros, 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/mickey-17/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

OS CATADORES e eu. Direção: Agnès Varda. França, 2000. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-gleaners-and-i/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

OS SAPATINHOS Vermelhos. Direção: Michael Powell, Emeric Pressburger. Reino Unido, 1948. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-red-shoes/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

RETRATO de Uma Jovem em Chamas. Direção: Céline Sciamma. França: Pyramide Films, 2019. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/portrait-of-a-lady-on-fire/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

CORAÇÃO Louco. Direção: Scott Cooper. Estados Unidos: Fox Searchlight, 2009. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/crazy-heart/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O GRANDE Lebowski. Direção: Joel Coen, Ethan Coen. Estados Unidos: PolyGram Filmed Entertainment, 1998. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-big-lebowski/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NO PAIZ das Amazonas. Direção: Silvino Santos. Brasil: J. G. Araújo Produções Cinematográficas, 1922. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/in-the-land-of-the-amazons/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NO RASTRO do Eldorado. Direção: Silvino Santos. Brasil: J. G. Araújo Produções Cinematográficas, 1925. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/no-rastro-do-eldorado/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

XINGU. Direção: Cao Hamburger. Brasil: Sony Pictures, 2011. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/xingu/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

EU Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios. Direção: Beto Brant, Renato Ciasca. Brasil: Sony Pictures, 2011. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/id-receive-the-worst-news-from-your-beautiful-lips/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

A SEPARAÇÃO. Direção: Asghar Farhadi. Irã, 2011. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/a-separation/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

BONEQUINHA de Luxo. Direção: Blake Edwards. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1961. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/breakfast-at-tiffanys/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NA DANÇA que Cansa Voatas. Direção: Gabriel Bravo de Lima. Brasil, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/whispering-into-the-day/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

ALEXANDRINA. Direção: Keila Sankofa. Brasil, 2022. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/alexandrina-a-lightning-bolt/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SHAKESPEARE Apaixonado. Direção: John Madden. Estados Unidos: Universal Pictures, 1998. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/shakespeare-in-love/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

A ÚLTIMA Tentação de Cristo. Direção: Martin Scorsese. Estados Unidos, 1988. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-last-temptation-of-christ/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

PARAÍSO Perdido. Direção: Monique Gardenberg. Brasil: Vitrine Filmes, 2018. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/paradise-lost/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

AS BOAS Maneiras. Direção: Juliana Rojas, Marco Dutra. Brasil, 2017. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/good-manners/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GOSTO de Cereja. Direção: Abbas Kiarostami. Irã, 1997. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/taste-of-cherry/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

A CAÇA. Direção: Thomas Vinterberg. Dinamarca: Nordisk Film, 2012. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-hunt-2012/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MINHA vida de abobrinha. Direção: Claude Barras. França: Gebeka Films, 2016. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/my-life-as-a-zucchini/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O EXORCISTA. Direção: William Friedkin. Estados Unidos: Warner Bros, 1973. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-exorcist/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GHOST: Do Outro Lado da Vida. Direção: Jerry Zucker. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1990. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/ghost/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

TRAPALHÕES. Direção: Flávio Migliaccio. Brasil, 1989. Disponível em: <https://letterboxd.com/actor/flavio-migliaccio-1/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NOSFERATU. Direção: Robert Eggers. Estados Unidos: Focus Features, 2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/nosferatu-2024/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

O GUARDA Costas. Direção: Mick Jackson. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1993. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-bodyguard-1992/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

HOMEM com H. Direção: Esmir Filho. Brasil: Paris Filmes, 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/homem-com-h/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MAL Nosso. Direção: Samuel Galli. Brasil, 2017. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/our-evil/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

QUE HORAS Ela Volta?. Direção: Anna Muylaert. Brasil: Pandora Filmes, 2015. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/the-second-mother/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SINNERS. Direção: Ryan Coogler. Estados Unidos: Warner Bros, 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/sinners-2025/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MARIA e o Cangaço. Direção: Sérgio Machado. Brasil: Disney+, 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/maria-the-outlaw-legend/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

THE LAST Of Us. Direção: Craig Mazin, Neil Druckmann. Estados Unidos: Warner Bros. Television Studios, 2023. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt3581920/>. Acesso em: 8 jun. 2025.